

APÊNDICE – Transcrição das Instruções ao Sósia realizadas junto às participantes desta investigação¹.

- Instrução ao Sósia realizada junto à professora 1

S²: Antes de começar a Instrução ao Sósia, só para que eu tenha esses dados registrados, eu gostaria que você se apresentasse: dissesse seu nome, em que é formada e há quanto tempo atua junto a alunos Surdos.

P1: Bom, eu me formei em fonoaudiologia. Eu acho, eu não me lembro bem, mas, eu acho que foi em 93. É...me formei em professora há alguns anos. É... e passei para o concurso da prefeitura em 1994, né? Eu já era formada na faculdade e já tinha o curso para professor. Quando eu entrei para a prefeitura, eu fui procurar o Instituto Helena Antipoff, porque eu queria trabalhar com Surdos. Eu queria trabalhar com Surdos, tanto que eu pedi uma turma de Surdos, em qualquer lugar do Rio de Janeiro, mas que tivesse Surdos. Naquela época era proibida a língua de sinais, né? Eu tinha uma língua de sinais caseira e...comecei a trabalhar com Surdos e houve uma...tipo uma avaliação comigo, que eu era muito jovem. E...peguei uma turma com Surdos e a língua de sinais não era reconhecida ainda e por muitos anos eu fiquei desenvolvendo esse trabalho meio que solitária. E dentro da minha sala de aula eu fazia o que achava que dava certo. E aí, assim: eu comecei a trabalhar na Praça da Bandeira. Na Praça da Bandeira, à noite, tinha alunos Surdos, com autismo e um grupo com cegueira, entendeu? E eu fui aprendendo. Fui aprendendo também junto com eles. Sempre procurei saber o que estava acontecendo com ele, na casa do aluno, sempre mostrando muitas fotografias, colocando a realidade no caderno dele para que ele...e eles aprendiam. Então, eu vi que o caminho era esse. Só que aí, como as cobranças eram muitas em relação à língua, que não língua ainda, aí eu fui trabalhar com autismo. Eu integrei os alunos. Naquela época nem era inclusão, era integração. Não existia isso, mas, eles já tinham capacidade de caminhar sozinhos. Eu falava “você tem capacidade para isso”. Trabalhar com Surdo tinha toda uma “encheção” de saco, mas, foi. Sai da turma e trabalhei dois anos com autismo...E eles nem olhavam para mim...Em 2002, saiu a oficialização da LIBRAS, graças a Deus, e eu continuava com a turma de autismo. Os responsáveis da primeira CRE sabiam que eu tinha LIBRAS me chamaram de volta e eu fiquei muito indignada. Imediatamente eu aceitei e, no começo, eu fiquei muito arrasada. Eu pensei que eles nunca fossem...Eles ficaram na escola a vida inteira, na mesma turma e eles não aprenderam nem a escrever o nome. Aí voltei para a turma. Em 2003, por coragem da minha supervisora, incluí esses alunos no

¹ A realização de cada instrução ao sósia foi precedida pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual a metodologia de coleta de dados é explicada a cada participante.

² A abreviação “S” refere-se ao sósia, ou seja, a mim enquanto coenunciadora das professoras, e P1, P2 e P3 referem-se, respectivamente, às professoras 1, 2 e 3.

PEJA. E...eu aceitei trabalhar à noite. Eles ficavam à tarde comigo e, à noite, eu podia...,porque eu era itinerante na época e professora da sala de recursos...Porque eu deixava eles aqui e eles ficavam perdidos. Os professores ficaram super-receosos. “Oh, eu não sei falar com eles” e eu só ficava aqui dois dias. E eles só me davam esses dois dias, os outros três dias eu vinha por minha conta, porque eu não aguentava....Então, eu estava presente em todas as aulas. Eram quatro alunos. Então, esses meninos foram aprendendo, se desenvolvendo e eu mostrava para os professores que eles eram capazes e aí fomos caminhando até chegarmos a esse trabalho que hoje é desenvolvido aqui no CIEP.

S: Como eu faço para identificar os alunos Surdos dentro de uma sala de aula regular?

P1: Bom, eles estão posicionados na frente, geralmente, do lado do intérprete. Do lado deles tem um intérprete ou na frente deles tem um intérprete e estão se comunicando em língua de sinais o tempo todo.

S: E a escola comunica antes para a gente que nessa turma tem aluno Surdo?

P1: Sim, a escola te avisa. Na verdade, a gente só tem uma turma aqui que não tem Surdo. Todas as outras têm aluno Surdo, então, a escola realmente...Fica difícil errar. Você vai ver Surdo na sala, agora, a quantidade depende do nível em que eles estão sendo agrupados. Na minha sala, essa sala que você está estudando tem quatro Surdos, quatro alunos.

S: E como é que eu devo organizar o espaço físico da sala pensando nos Surdos?

P1: De preferência, eu gosto de trabalhar em “U”, fazer “U” na sala para que todos os alunos estejam me vendo ao mesmo tempo e, em momentos específicos, a gente separa em grupos, mas o grupo dos Surdos fica junto com o grupo dos ouvintes. Por exemplo, nessa turma tem quatro Surdos, dois ficam em um grupo e dois em outro. Entendeu? Não fica só um grupo de Surdos separado porque são Surdos. Ficam dois misturados com os ouvintes e mais dois misturados com os ouvintes, para acontecer a troca.

S: Entendi. E em relação à minha movimentação, como eu devo me movimentar?

P1: De preferência, sempre de frente para a turma, apesar de você ter na sala o intérprete e o instrutor nas classes até o quarto ano, o PEJA I todo tem instrutor e intérprete, para privilegiar o conhecimento daquele aluno que ainda não passou para o PEJAII. Então, de preferência que você esteja sempre de frente e que você vá sempre à mesa do Surdo.

S: OK. E o intérprete, ele fica em algum lugar específico da sala? Perto de mim?

P1: Depende, se é uma aula expositiva, eu estou contando uma história, o intérprete vai ficar do meu lado, porque ele precisa se movimentar como eu, né? Na hora que seu estou explicando a matéria, digamos, por exemplo, gramática, o intérprete senta na frente do grupo de Surdos e aí ele vai passando, porque, geralmente, a sala é pequena e fica meio confuso de ficar se movimentando. Mas, na hora em que estou dando aula expositiva, o intérprete fica do meu lado, depois, ele senta e fica na frente do Surdo.

S: Fica explicando?

P1: Explicando, não. É como se ele fosse a voz do Surdo. Ele está com uma dúvida, aí o intérprete chama o professor. Aí o professor vai até ele e o intérprete faz a voz do Surdo. Por isso que o professor tem de estar sempre indo à mesa dos Surdos, porque, às vezes, eles acham que não tem esse direito de perguntar, de insistir, de pedir para explicar de novo, porque isso eu não entendi. Isso eu cobro muito deles na sala de recursos: “Olha, vocês têm que perguntar. O intérprete não vai te explicar, o intérprete não é professor”. E eu peço que o professor vá até à mesa dele e pergunte: “E, aí, tem dúvida? Isso aqui, você entendeu o que eu falei? Aí o professor vai se adaptando e o Surdo mais se sentindo mais confiável e vai tirando as dúvidas, se não, ele deixa tudo para a sala de recursos.

S: E em relação ao intérprete, eu devo planejar minhas aulas junto com ele? Devo passar o que eu planejei sozinha para ele?

P1: É, na verdade você não planeja sozinha porque tem um professor itinerante para planejar com você já que você não teve capacitação para trabalhar com Surdo, digamos. Então, nós temos na escola uma itinerante que fica, que planeja com você, para pensar o material que você vai usar para a turma, adaptado para o Surdo. Adaptado, não, que eu não gosto dessa palavra, eu gosto da palavra “adequado”. Eu não adapto o material para o Surdo, eu adequo o material a ele. Entendeu? Pensando como ele pensa. Então, o intérprete, ele tem que ter a matéria antes. Porque, digamos que seja um texto, se ele tiver o texto todo na cabeça, ele traduz melhor do que na hora você começar a falar e aí ele...É claro que, às vezes, acontece de surgir um assunto dentro de sala de aula e o intérprete estar ali sem conhecimento prévio do assunto. Estou dizendo que isso é o ideal: que o professor tenha esse cuidado de passar para o intérprete o que ele vai dar um dia antes, dois dias antes, né? Para que ele tenha...é o planejamento do professor que tem de haver. Nem todos fazem, mas, a gente está buscando isso para que a aula, para que o intérprete tenha facilidade de transmitir o conhecimento da forma que tem de ser feito, não de qualquer coisa, de qualquer jeito, porque, aí, também, o intérprete também não é perfeito. Às vezes, o intérprete não sabe um sinal e

não sabe como explicar para o Surdo. Na hora, não dá tempo, porque o professor está explicando a matéria, entendeu? Se ele tiver isso antes, ele pode pesquisar, pode ver os sinais que ele ainda não sabe, que ele ainda não conhece e aí flui melhor.

S: Então o ideal é que uns dois dias antes eu entregue minha aula para o intérprete?

P1: Isso aí, que o planejamento seja em conjunto. Esse é o objetivo. O professor daqui da escola tem a sexta para planejar. Entendeu? Toda sexta não tem aula. Ele tem a sexta-feira para sentar e planejar. O intérprete está na escola, não tem aula, mas, o intérprete está na escola. Então, a gente busca que eles fiquem numa sala e o professor está pensando nessa atividade. A professora itinerante está junto e a gente começa a pensar nas atividades, “bolar” o que o professor vais dar: se é um vídeo, se é uma imagem. E aí o intérprete está ali prestando atenção no planejamento.

S: E no caso, se no dia não tiver intérprete, como é que eu faço?

P1: Aí você está ferrada (risos). Aí você tem que dar bastante imagem. Isso realmente acontece. Às vezes, não tem intérprete, eles faltam muito. O salário deles é realmente muito baixo. Só aqueles que são engajados mesmo, assim: “Puxa, eu quero que o Surdo cresça”, eles vêm mesmo assim, mesmo doente, mesmo com as dificuldades, mas, a gente tem essas histórias. Quando você está na sala sem o intérprete e, às vezes, sem o instrutor, você tem que dar todo o subsídio para ele, a imagem, para que ele se resolva sozinho e aí você pede ajuda ao itinerante da escola que fica pela escola inteira todos os dias.

S: OK. Então eu preciso saber LIBRAS?

P1: Com certeza. Sem, você não tem como. Para você poder conhecer o universo dos Surdos, para saber como ele pensa, para saber como ele vai aprender, qual o caminho que ele vai precisar. E é uma cultura diferente da nossa. Eles pensam diferente, eles agem diferente. Piada para eles é um texto que tem que ser adequado. Quando o professor, outro dia o professor trabalhou música, sabe aquela brincadeira de você completar a música? E aí os ouvintes tinham isso na sala de aula, mas, o Surdo não. Então, ele não tem como começar a completar a música. Alguém está cantando e aí você pega uma frase você puxa, você começa a cantar uma outra música. Essa é uma atividade que dá para fazer com um Surdo dentro de sala. Agora, você não vai fazer a atividade porque tem um Surdo dentro de sala? Não. Você vai fazer sua atividade, você quer fazer esse trabalho, você acha que é importante para seus alunos ouvintes, você vai adequar o trabalho para o Surdo. Não vai fazer um trabalho diferenciado com ele, mas, você vai adequar, vai colocar poemas, as letras das músicas ali na frente dele. E aí o intérprete vai estar lá, tentando organizar o que está sendo falado, pegando uma frase e tem que ver se ele

consegue achar a frase e encaminhar. Entendeu? Você vai dar um direcionamento para que ele participe da aula. É como a aula que a professora dá de fonemas. O Surdo não participa? Não, participa. A professora não vai dar porque o Surdo não vai compreender? Não, o Surdo vai participar.

S: E no caso dos alunos, eles dominam LIBRAS quando chegam à escola?

P1: Não, alguns não. Então, agente tem Surdo de todas as formas aqui: tem Surdos que sabem muito bem, que não sabe nada, os que são oralizados, tem o que sabem a língua de sinais junto com a Língua Portuguesa, que fazem o bimodalismo, que sinaliza junto com o que fala. E é mais difícil trabalhar um Surdo oralizado que um Surdo profundo, porque ele peca pela audição, porque o pouco que ele escuta, pela forma que ele escuta, ele escreve errado e o Surdo profundo, ele não escreve errado porque ele aprende a palavra pela palavra, no visualizar. O Surdo que escuta um pouco, que é oralizado, ele escuta a palavra diferente do que ele é mesmo. Então, os ouvintes erram na grafia por conta da audição, eles pecam pela audição, né? A palavra que é escrita com “ss”, ele escreve com “ç”. O Surdo que não escuta, ele não comete esse tipo de erro, o Surdo profundo. Já o Surdo oralizado, comete. Então, a gente tem vários níveis de Surdez aqui na escola. Vários alunos que falam, os que não falam, os que não têm consciência do que é língua de sinais e os que falam duas línguas ao mesmo tempo.

S: E como é que eu procedo com o aluno que não tem nem LIBRAS, que também não é oralizado, também não tem conhecimento da Língua Portuguesa?

P1: Através da imagem, sempre através da imagem. Como eu sempre falei, sempre tentando buscar com ele, do contexto escolar, o que está acontecendo, porque, na sala de recurso, você não tem esse espaço para ficar sentado com o aluno. Então, você vai direcionar o seu trabalho, traduzir a imagem para que ele possa te dar subsídio. E aí o intérprete e o instrutor, na sala de aula, vão começar a dar os sinais para que ele aprenda a se comunicar. A aula está rolando, por exemplo, a professora de alfabetização do Djair, ela está dando alfabetização para a turma. Ela dá um texto, seleciona as palavras, mas, o Djair não compreende, não compreende nem o que a gente explica para ele, não compreende o intérprete, o instrutor, mas, ele está ali, naquele contexto. Então, a professora começou a trabalhar material escolar com os alunos, o Djair vai trabalhar os materiais escolares dele, sempre seguindo o planejamento da professora, não é do intérprete, não é do instrutor.

S: Então, ele vai estar na escola em dois períodos? Vai estar à tarde na sala de recursos...(interrupção).

P1: Todos os alunos, não é só o aluno que não está alfabetizado, não. Todos eles têm a sala de recursos no contra turno, para que ele tenha um

desenvolvimento melhor, entendeu? Porque é na sala de recurso que ele vai aprender a ter autonomia de leitura e escrita. Na sala de aula não dá tempo, entendeu?

S: E em relação à alfabetização em uma sala com Surdos e ouvintes, eu devo focar alguma competência da Língua Portuguesa?

P1: Alguma competência? Eu acho que você...você me substituindo, no caso, vai trabalhar sempre com a imagem, para todos, até para facilitar para o ouvinte, com vídeos, coisas que trazem ele para aquela relação ali de alfabetização e vai trabalhar com as letras, com as palavras, entendeu? Mostrar para ele que esse tipo de comunicação da segunda língua dele, ele não tem a primeira, não tem a língua materna que é a LIBRAS, ele tem que aprender junto, porque ele está em uma turma regular. Junto com a língua de sinais, a língua de escrita. Entendeu? Você quer que eu seja mais específica?

S: Entendi. Então, eu vou focar a leitura e a escrita?

P1: Você vai focar os dois porque você não aprende a escrever se você não lê, não é verdade? Então, você tem que estar ali sempre com o texto. No caso, para o aluno Surdo, geralmente, a professora itinerante ajuda produzindo o texto em imagem. Esse aqui é um texto (segura e me mostra). Tu conhece essa história?

S: Não.

P1: É a lenda dos idosos. Tem o passo-a-passo aqui da história. A professora está falando do narrador. Então, o narrador começa a contar a história. A pessoa envelheceu. E aí o Surdo vai visualizando. A professora está contando a história para os ouvintes e o Surdo está visualizando. É claro que os ouvintes também querem isso (segura o material). Eles também querem a imagem, que ajuda, facilita a acompanhar a professora e depois a colocar as palavras que a professora selecionou daquele texto para trabalhar, entendeu?

S: No caso, eles (ouvintes) também não têm conhecimento da escrita?

P1: Não, nenhum. Então, a professora resolveu trabalhar os verbos dessa história. Então, na imagem, ela vai colocar aqui: “contar, subir”. Ela vai “Oh, ajudar, despedir”. Ela vai começar a usar as palavras que ela quer trabalhar com eles e com os Surdos também. Todos são analfabetos. Na alfabetização eles não têm ainda, principalmente o Surdo, que não tem nem a língua de sinais...No planejamento, o professor pensou no texto, o intérprete está ali, junto, o intérprete também começou a pensar no texto e a organizar as imagens, separar imagens, que é coisa que dá trabalho, mas, que só funciona se tiver dessa forma. Se não tiver imagem não acontece o trabalho.

S: Entendi. E como é que eu faço para acompanhar o desenvolvimento dos alunos Surdos? Saber se ele realmente entendeu o que foi dado naquela aula? Se tem alguma dúvida?

P1: Aí é uma questão de parceria com a intérprete, né? Aí é aquele negócio que eu te falei: você tem que estar sempre indo à mesa dele, como você vai à mesa dos outros, mas, você tem que estar bastante focada em ir lá buscar dele, porque o Surdo tem esse receio de “Ah, ela não vai me ensinar porque ela não sabe se comunicar comigo, o intérprete não vai saber falar o que eu quero”. Eles ainda têm isso, mas, você indo buscar ele, mostrando para ele “Olha, você, eu estou aqui com você, me pergunta e eu tiro a sua dúvida” e dá essa confiança, estabelecer essa relação de confiança. Eles vão começar a perguntar. No caso do intérprete, ele tem que ser também seu parceiro, né? Você vai perguntar para ele “E aí, você acha que ele está compreendendo, não aprendendo, mas, compreendendo, o que está sendo falado?”. E o intérprete vai ter a voz dele ali, porque ele está ali o tempo todo. A itinerante da escola está vendo o aluno que está crescendo ou não, porque a itinerante trabalha com ele na sala de recursos.

S: O trabalho é uma parceria. Agora, como é uma sala de Surdos e ouvintes, como é que eu faço assim, no caso de que os ouvintes já têm hipóteses primitivas sobre a escrita porque tem algum conhecimento oral sobre a língua e os Surdos, normalmente, não tem esse conhecimento, não tem essas hipóteses sobre a língua, até por não ter a audição. Então, como é que eu faço, diante dessa diferença de competência linguística, para colocar todos mais ou menos no mesmo nível?

P1: O Surdo, você vai buscar pela imagem o tempo todo. É por isso que eu falei: “A sua aula tem que estar focada em imagem para que ele possa te dar uma resposta”. Você não poder trabalhar com fonemas, né? Você não pode trabalhar “b” com “a”, “b” com “o”, “b” com “u”. Você não pode trabalhar dessa forma antiga, mesmo porque os professores de hoje em dia não trabalham mais dessa forma auditiva: “Como é que faz da letra tal?”. São adultos. Então, vai trabalhar com a palavra, ele percebe. Ele trabalhou o texto e ele vai trabalhar a palavra. Literalmente, ele vai apresentar a palavra para ele, para o ouvinte e para o Surdo. Essa palavra aqui, se chama “envelhecer”. Então, você vai usar essa palavra de várias formas, você vai ter várias atividades que você vai planejar (uma cruzadinha, um jogo da memória, um separa e junta), para que ele use aquela palavra, para que ele internalize, se aproprie daquele conceito. Entendeu? Você não trabalha auditivamente nem com o ouvinte adulto. Então, você vai trabalhar várias atividades, usando aquela palavra em vários contextos e, quando você se preocupar com outro texto que você queira colocar na sua turma, você vai se preocupar se algumas das palavras que já foram vistas estão naquele texto. Se não tiver, você vai dar um jeito de colocar. E aí, você está fazendo o quê? Reforçando e, na hora daquela leitura, porque

ele vai ter esse texto imagético, que a gente chama, e vai ter o texto escrito. Na hora daquela leitura, você, para direcionar as palavras que você já deu um tempo atrás, você tem tudo registrado e você vai marcar embaixo. “Essa palavra você já conhece. Essa palavra você já sabe falar”. Então, você vai mostrar para ele que ele já viu aquela palavra em algum momento. E aí você vai dar autonomia para o seu aluno, para o ouvinte ou Surdo. Entendeu? Alfabetização não é difícil se você pensa dessa forma, se você pensar em “b” com “a”, “b” com “u”, não vai para lugar nenhum. Todos os textos trabalhados com os alunos dessa escola, eles são revistos, os textos buscam o anterior e a gente vai sempre usando as mesmas palavras e a gente mostra a todos os alunos: “Você sabe isso e aí, se você não sabe, você vai no seu caderno que você vai achar essa palavra”. E aí, ele vai lá, às vezes, está no texto trabalhado, ele vai ficar na dúvida, vai ficar na dúvida, ele vai lá no texto imagético. Vai a palavra em cima da imagem, acabou. Então, o professor vai só direcionando, ele deu o material, ele mostrou que ele é capaz, ele apresentou a palavra, literalmente apresentou a palavra para ele e aí ele vai aprender a usar em outros textos. E se você não fizer isso. Você deu o texto hoje e amanhã não trabalha mais, essas palavras, ele não aprendeu. Eles são ainda analfabetos. Entendeu como eu trabalhei ali, várias vezes no caderno (do Djair) “escola, escola, escola”. Eu acredito que ele seja capaz de, se ele olhar de novo essa palavra, ele vai compreender, vai saber só a palavra, do que se trata, entendeu?

S: Entendi.

P1: Você vê que é a forma de trabalhar, várias formas diferentes de trabalhar o mesmo conceito. Não é jogar muitos conceitos em cima dele, é fazer com que ele tenha autonomia de “Oh, eu sei isso”. Tanto é que quando um aluno me pergunta “O que é que é isso?”, “Não, você já sabe que palavra é essa, sabe o que significa, vai no seu caderno, vai buscar”, que é o que faço também com os analfabetos. “Pode buscar no seu caderno. Tem essa palavra aí”. E aí ele acha e não esquecer mais, entendeu?

S: Entendi. Agora, de acordo com a proposta do MEC para o primeiro segmento da EJA, há um destaque para o trabalho pedagógico da oralidade. Como proceder com os alunos Surdos durante a realização desse tipo de atividade?

P1: Então, digamos que você esteja trabalhando com a oralidade, porque os alunos têm, realmente, uma forma diferente de falar, pela forma como escutam, né? É...você é o modelo, certo? Você é o modelo do seu aluno. Você vai pegar um aluno que não sabe falar ainda e vai colocar ele para ler em voz alta? Não. Você vai ler para ele todo dia. Todo dia você vai ler, não é o texto que você deu para o aluno. Geralmente, na escola, a gente faz isso: conhece Hamlet? É um livro grosso, não é? Então, a professora “Oh, está na hora de ouvir a história”.

E aí ela lê um pedaço, porque ela vai da forma que nos falamos, respeitando o sinal...Então, primeiro, na classe de alfabetização, você é o modelo. Você vai ler a história. O Surdo não tem essa dificuldade da fala por causa da língua de sinais. Você não vai fazer o Surdo oralizar, não é? Até porque ele vai ter vergonha, tem o aparelho dele, tem aluno que não teve fono. Aquele aluno que é oralizado, se ele quiser falar, é a critério dele, não é? A gente também não é 8 ou 80, não. O aluno quer, "Você se sente confortável? Você quer ler?". Tem aluno que quer. "Professora eu sei ler, eu vou ler". Entendeu? O importante para a gente é ele estar compreendendo. Então, no caso do Surdo, ele vai se habituar, como a professora, que é o modelo, está lendo para os alunos, ele vai se habituar. Então, tem um projeto na escola que eles leem a coleção de Skakespeare. Então, cada dia da semana, meia hora, o professor faz uma leitura, contando a história, colocando entonação, para que o aluno veja como é a leitura. Ele não vai aprender fazendo errado e você falando "Não, não é assim que se fala". Ele vai aprender ouvindo você ler uma história para ele, entonando, colocando pontuação, respirando, falando as palavras corretamente. O professor tem essa habilidade.

S: Então, todos os dias a oralidade já estaria sendo trabalhada com os alunos ouvintes?

P1: Todo dia, com o professor que é o modelo.

S: Através de textos selecionados... (interrupção)

P1: Principalmente, com histórias que prendam bem a atenção. Porque, assim, é...os meus alunos gostam muito de histórias dramáticas. Então, assim, essa lenda dos idosos é uma história dramática. Você conhece a lenda dos idosos?

S: Não.

P1: Que o filho leva o pai para...faz parte da cultura...., ele leva o pai para uma floresta bem distante porque a cidade não tem idoso, porque não pode trabalhar, porque é uma pessoa a mais e tal, é uma despesa. Então, quando a pessoa atinge uma certa idade, o filho mais velho leva o pai até um lugar, dá uma cobertura para ele e os lobos vão se encarregar de acabar com aquela vida.

S: É triste.

P1: É, o Surdo adora história assim. E aí, quando o pai, que levou o pai dele, que faz parte da cultura dela, sabia o que ia acontecer com o pai dele, ele vai, pega a manta, dá um pedaço para o filho dele e fala "Para quando teu filho vier te trazer". E aí, esse filho se arrepende, porque ele fica assim "Por que é que tem que ser assim? Por que o mundo tem que ser assim? Por que é que eu tenho que deixar meu pai morrer? Por que eu não posso cuidar dele?". Aí ele volta, busca o pai a acaba com aquela forma de agir daquela comunidade. Então, é uma história que realmente faz com que pense, fala sobre a cultura de

um lugar, uma lenda e chama a atenção dos ouvintes. Então, o professor tem que ter esse cuidado de escolher seus textos, de mostrar coisas. Por exemplo, geralmente, quando eu estou lendo histórias para os meus alunos em LIBRAS, no caso, eu levo em LIBRAS para os meus alunos ouvintes ou estou lendo para os meus alunos ouvintes, é...geralmente, eu coloco uma história de Shakespeare, que é maravilhosa e eu paro no momento em que eles vão querer saber o que aconteceu. Entendeu? “Não, só amanhã, amanhã, você sabe o que aconteceu com o Fulano, com o Cicrano”.

S: Então, o mesmo texto que é usado que é usado com os Surdos é usado com os ouvintes? Enquanto você está conversando com os ouvintes, mostrando como é que é, digamos, uma amostra do que seria a língua culta, os Surdos também estão sendo expostos através da língua de sinais?

P1: Exatamente.

S: O intérprete, no caso, está contando a mesma coisa para eles?

P1: A mesma coisa.

S: Entendi, agora como é que eu faço para expor os Surdos a essa variante desprestigiada, digamos, dos alunos da EJA? Como é que eu faço para eu expor o aluno Surdo a essa variante, para que conheça, para que saiba que existe outro tipo de língua diferente além daquela língua culta que ele conhece. Existe uma coisa menos formal e mais coloquial também.

P1: Aí é uma questão de língua. É mais complicado. Acho que a gente não...Eles percebem as pessoas que são mais humildes, as pessoas que são mais humildes, eles conseguem perceber e aí a gente até mostra: “Olha, existe essa forma de falar”. Por exemplo, quando eles falam gíria, porque têm umas adolescentes falando gíria, a gente fala “E, ele fala gíria”. Aí, a gente tem que reportar para a língua dele, por isso que tem que conhecer língua de sinais. O Surdo também fala gírias.

S: Fazer comparações.

P1: É. Faz comparações entre uma língua e outra e que a forma de falar e a forma de escrever corretamente é a Língua Portuguesa escrita e que é para isso que eles estão na escola, entendeu? Então, a forma de falar do ouvinte que usa gíria, do ouvinte que tem uma forma informal da forma que ele está aprendendo na escola, o Surdo também tem, entendeu? Mas, não tem como eu falar para ele “Fulano..., na verdade eu até falo, ele fala errado, ele troca letra”. O intérprete consegue passar isso para ele. Aí o Surdo fica assim “Nossa, ainda bem que eu sou Surdo” (risos). Mas, é complicado você pensarem passar isso para o Surdo.

S: Então, fica o foco na língua culta, como em qualquer língua estrangeira?

P1: É, foca na língua escrita, no Português correto. Eles percebem bem isso quando o professor corrige. Por exemplo, quando eles escrevem um texto, o professor trabalhou aquele assunto, mostrou vídeo, trabalhou texto, e tal, e aí ele vai ter que escrever sobre aquele assunto, que a professora deu muitas informações e ele vai ter que escrever. E ele escreve pensando em língua de sinais, que o Surdo vai escrever pensando em língua de sinais e o professor tem que estar atento a falar para ele “Oh, tem que variar o verbo, você tem que colocar a pessoa variando com o tempo. Entendeu? Você está pensando em uma língua e escrevendo em outra língua. Então, na sua língua, o seu verbo não faz variação, na língua escrita faz”. Então, ter essa atenção. E aí, depois, o professor pega, como o professor também faz isso com o ouvinte, é pegar uma frase de um ouvinte que também está escrita errada, é uma das formas que você ensina a corrigir em Língua Portuguesa, sem nomear quem escreveu, né? O professor bota no quadro o nome do aluno X, não tem nome e ele fala “Aqui falta um verbo de ligação, essa palavra não se escreve assim”. E aí o professor está corrigindo no quadro para que todos...E aí o professor, geralmente, seleciona um erro. Digamos que seja um verbo ou depois o uso das palavras que não se escrevem com “c”. Então, o professor pesca, nos textos dos alunos, aqueles erros gritantes e coloca no quadro. Com o Surdo é a mesma coisa. É claro que a frase do Surdo dá para você perceber na hora, porque o verbo, eles não costumam ter variação. Pode parar um pouquinho (pausa).

S: E caso seja um dia de trabalho com uma classe gramatical, supostamente, já conhecida pelo ouvinte, mas, totalmente desconhecida pelos Surdos, como o artigo, como é que eu faço? De repente, para os ouvintes pode ser uma coisa mais breve e eu tenho que dar aquela mesma coisa para os dois?

P1: É, quando o ouvinte está sendo alfabetizado, quando o Surdo está sendo alfabetizado, quando a palavra está sendo apresentada para ele, ela já vem junto com o artigo masculino, feminino, artigo definido, ela já vem junto, então, é...Então, o Surdo, ele precisa saber na hora que o professor está explicando. Os ouvintes já sabem a matéria porque, auditivamente, eles já conhecem os termos. Agora, por exemplo, os substantivos epicenos, comuns de dois gêneros, o ouvinte não sabe isso, né? Aquele você não precisa colocar o artigo para saber se...Você depende da frase para saber se é masculino ou feminino. Então, o professor tenta pegar essa parte da gramática para dar uma coisa que os ouvintes já sabem, mas, ele vai colocar mais um conceito e o Surdo vai aprender todos os conceitos, entendeu? O planejamento da aula é importante por isso, porque se ele já tem a noção “O ouvinte sabe”, mas, o ouvinte não sabe o que é substantivo epiceno e o comum de dois gêneros, ele não sabe onde usar. Ele não sabe se ele tem que colocar “macho”, “fêmea”, se coloca o jacaré. Tem muita coisa da Língua Portuguesa que, adequando para o trabalho com uma turma que tenha Surdo, você pode fazer numa forma natural e todos participam. Aí você dá mais ênfase para o Surdo e lembra ele “Oh, aqui tem

que colocar um artigo, que na frase, na hora da correção, é isso que a gente faz. Aqui falta um artigo, pode colocar ou não, né?”. Dependendo da frase, você pode usar o artigo como pode não usar, mas, ele tem que conhecer aquilo ali. Na hora que ele colocar o pensamento dele, ele pode dispor desse recurso ou não, entendeu? Então, tudo é feito uma construção, todos os dias. Aqui, quando eu tenho um texto do meu aluno, eu pego esse texto e, no quadro, para todos trabalharem juntos “Olha, você não seguiu o pensamento. Você falou que, vamos dizer, o pai envelheceu e o filho foi levar. Então, você trocou o caminho, é na ordem que eu vou ler”. E aí, você trabalhar com todos, o erro de um ajuda o outro a não errar. E, numa classe de alfabetização, todos os erros são válidos.

S: Todo mundo está aprendendo.

P1: Todo mundo está aprendendo o tempo todo. Até uma coisa que o ouvinte nem percebeu que ele não consegue fazer, ele viu o colega que não fez correto, porque a frase está no quadro, quem escreveu sabe. A turma não sabe, mas, quem escreveu sabe. E quem não escreveu aquela frase tem a mesma dúvida, talvez, do outro. É aquele momento de todos participarem da construção da escrita, entendeu? É por isso que a gente trabalha muito para que a escola, para que todos os professores façam dessa forma, que aí você atinge tanto o Surdo como o ouvinte, tanto o aluno que tem deficiência mental ou autismo, entendeu?

S: Entendi. Você até já respondeu, mas, só para ratificar, qual é a unidade mínima da alfabetização que eu devo trabalhar com ele: é a sílaba, é a palavra?

P1: É a palavra. A unidade mínima é a palavra. Você tem que apresentar a ele aquilo. Isso é isso. Eu, literalmente..., tem um braço na sala de recursos que é uma mão e tem aqui (mostra a própria mão) o lugar da palavra, entendeu? Por exemplo, eu estava trabalhando com os alunos “bilinguismo”. Eles não sabiam o que é isso. A escola é bilíngue, ele não conhece essa palavra, ele fala de bilinguismo, sabe o sinal, mas, ele não conhece essa palavra. Aí, eu boto essa palavra no braço. “Prazer. Agora você me conhece? Sabe o que eu significo?”. Então, literalmente, é trabalhar a palavra. Sílaba eu acho que não funciona nem para o ouvinte. Até porque não são crianças, é educação de jovens e adultos, talvez, até para a criança, antigamente, funcionava, mas, eu também acho que para a criança, a palavra tem que ser a menor unidade, e não a sílaba, que a sílaba vem depois. Depois que ele aprendeu a palavra, ele pode saber que a palavra tem três sílabas, ele vai saber que é um trissílabo, ele sabe por que é uma paroxítona, por que é uma proparoxítona. Ele vai saber depois. Primeiro, é a palavra. Primeiro é o texto, é o conhecimento e, depois, vem a palavra trabalhada de diversas formas, não trabalhada uma vez e depois ele não vai nunca mais. Você sabe escrever lindo em inglês. Você já viu essa

palavra várias vezes, não já? Você já usou? Não, você nunca usou. Quando você tem que escrever a palavra, quando você bota ela em várias situações, você aprende, sabe falar, sabe pronunciar a palavra. Você já viu a palavra em alguns lugares, mas, você não leu. Se eu falar para você “Escreve a palavra lindo em inglês”. Você não vai saber, você não exercitou. Então, a gente busca na alfabetização de alunos ouvintes ou Surdos, trabalhar com o conceito.

S: Aí, que tipo de atividade eu devo desenvolver para isso?

P1: Então, aí depende. Você está no texto, você vai ter um outro texto que tem aquela palavra. Você vai ter também aquela palavra em outros contextos, com outros significados, por exemplo, a palavra “passar”. “Passar” é um verbo simples, mas, eu tenho vários significados, dependendo de onde eu colocar. Então, o planejamento vem aí. Eu vou pegar vários contextos em que use a palavra “passar”, em várias situações, porque, na língua de sinais, o verbo, aí você não tem como gravar isso (sinaliza enquanto fala. Para cada sentido de passar, um sinal.). O verbo “passar”, eu posso passar mal, eu posso passar roupa, eu posso passar do ponto. E o Surdo fica assim: “Mas essa palavra aí é passar”. É, mas eu tenho vários contextos. É por isso que o professor tem que estar pensando no que ele vai ensinar. Ele arruma os contextos, dá os exemplos, né? As situações, bota em situação de vida mesmo “A Fulana passou do ponto. E aconteceu anteontem. O menino passou mal”. Você usou aquela palavra ali. Aquela palavra lá, destacada. Geralmente, a palavra que vem do texto e ela tem outros contextos e/ou também mais de uma forma, por exemplo, nessa história daqui, da lenda dos idosos, você tem “velho”, você tem “idoso”, você tem outras palavras com esse significado e você tem a mesma palavra com vários significados. Isso tudo tem que ser passado para os ouvintes e para os Surdos, para que ele construa um vocabulário coerente, entendeu?

S: Entendi. Então, eu trabalho bastantes textos, para que esses alunos, tanto ouvintes como Surdos, tenham vocabulário e as imagens que reforçar aquilo que eles viram nos textos.

P1: Exatamente. O tempo todo. Agora, você tem que pensar no seu planejamento naqueles contextos que você quer trabalhar. E aí, digamos, você quer “Essa palavra aqui eles ainda não entenderam. Eles sabem o que é, mas, eles não conseguem descrever. Eu quero que ele escreva e que coloque essa palavra. Ele não vai conseguir”. Eu vou usar cruzadinha, jogo da memória, para todos. Porque, aí, o professor sabe: esse aluno tem mais dificuldade que o outro e aí ele vai lá e fica em cima daqueles alunos o tempo todo.

S: E os recursos que eu uso: é livro? É caderno?

P1: É, então, caderno sempre usa para registrar. Onde é que ele vai registrar as coisas que ele já aprendeu, né? Então, de preferência, caderno grande,

sempre, registrando as imagens, os textos. O livro é um recurso que te auxilia. Você tem imagem no livro. Eu uso o livro para recortar, para usar um texto que eu tenho, um livro de história. Eu sempre apresento um texto, um livro novo para eles. Eles sempre me veem lendo alguma coisa.

S: Eles têm um livro didático para o dia a dia?

P1: A escola tem livro didático, o PEJA tem, mas..., sendo sincera com você, não pensa como a gente na alfabetização, entendeu? Quem construiu o livro foi um grupo que pensou “É assim, é asado”, mas, a nossa realidade é diferente. Então, infelizmente, realmente isso acontece.

S: Então, eu teria que planejar meu material todo dia?

P1: Não, vou ter que planejar sempre, sempre. Você foca, qual é seu objetivo? É que ele aprenda a ler e escrever com propriedade? Você tem que dar subsídio para que ele aprenda a ler e escrever. O livro pode ser um recurso, pode ter alguma no livro que eu queira, mas, não que eu vá seguir o livro. Mesmo porque o livro não tem todas as coisas que eu quero, não tem essa forma de trabalhar que seu estou falando para você: tem uma palavra aqui nesse texto, outro texto eu vou ter que dar um jeito. Então, eu não vou poder usar o livro. Eu vou pegar o texto do livro, vou copiar, vou arrumar as palavras de novo e vou fazer de uma forma que o meu aluno tenha autonomia.

S: Então tanto Surdos como ouvintes...(interrupção).

P1: A mesma coisa, o livro não vai ser usado sempre.

S: Não, é um recurso a mais.

P1: Além das folhinhas, das imagens, dos filmes...É, exatamente.

S: Recurso a mais como deveria ser.

P1: É, exatamente, infelizmente, não dá para seguir, né? Eu estou escrevendo um livro para Surdo. Nessa ordem que eu estou falando, para ajudar as pessoas a pensar e...nessa coisa de ensinar pela palavra. Tem o texto, o texto imagético e aquelas palavras utilizadas em outro texto, as palavras que tem vários sentidos, as palavras diferentes com o mesmo sentido, tudo organizado para que o professor pense em todas as suas aulas e não simplesmente chegue em sala de aula e pense “Ah, acho que hoje eu vou dar...divisão”. Isso é horrível, né? É perder tempo do aluno, é perder tempo.

S: O seu também.

P1: É, o meu também. Principalmente dos alunos, entendeu?

S: É verdade. E se for um dia de prova, há uma avaliação específica para eles? Eles fazem a mesma avaliação?

P1: Aí depende da situação. Primeiro, que prova não é avaliação, né? A gente não avalia o aluno no dia da prova, né? Isso aí é o básico. Segundo que prova é um documento que consta...Aí tem o nervosismo do aluno, tem isso, aquilo, aquilo outro...mas, é um documento, ainda, oficial. Tem que ter prova? Tem. Aí depende da matéria. Língua Portuguesa, ele tem que fazer a prova escrita, né? Se ele tem que saber a gramática, ele vai ter ali algumas adaptações, adequações, para que ele saiba recortar os conhecimentos que o professor, quando faz uma prova, ele quer cobrar o que ele ensinou. Então, ele, o professor, vai dar subsídio na avaliação dele, que o aluno tenha condição de fazer. Prova não é para “arrochar” ninguém. A prova de História é...são muitos conceitos para o aluno ter na sua cabeça, né? Eu estou falando na parte escrita. Por quê? Porque quando o aluno está trabalhando...é...Guerra Fria, por exemplo, ele tem muitos conceitos, ele sabe o que aconteceu, sabe os países envolvidos, sabe quem foi o causador, como que acabou, que tempo que aconteceu, ele sabe isso, agora, para ele colocar tudo isso no papel, porque a avaliação é uma coisa...Porque as aulas são corridas ...Ele tem pouco tempo para mostrar e o professor tem pouco tempo para ensinar o conceito, depois ele muda para outro conceito, para outro conceito. E o Surdo, no caso do Surdo, ele tem que se adaptar a todas as situações. Então, aquelas palavras, para não serem decoradas, simplesmente, e o professor quer avaliar...”Você vai discursar sobre Guerra Fria”...e o professor vai avaliar com um profissional intérprete, o professor que não sabe LIBRAS, se ele conseguiu aprender aquele conceito. Por que História não é você saber um conceito ou é você saber escrever em Língua Portuguesa? É você saber o conceito. No caso de Ciências também. É ele ter o conceito, você saber como funciona o manguezal, o que é, entendeu? Então, é o conceito que importa? Aparelho digestivo? O Surdo sabe falar isso? Então, a gente vai ter a avaliação dele em LIBRAS e aí, na Língua Portuguesa, ele ainda vai estar ampliando o vocabulário escrito dele. Que não é assim: o professor deu aula de aparelho digestivo e o Surdo já sabe tudo. Ele pode compreender a aula, saber o conceito, mas, ele não vai conseguir escrever, não vai mesmo, todas aquelas palavras do jeito que o professor quer.

S: Então, ele faz a mesma prova?

P1: A mesma avaliação, em LIBRAS.

S: Nas outras matérias, retirando Língua Portuguesa, o que é visto é se ele entendeu o conceito?

P1: Matemática e Língua Portuguesa é escrita, porque é cálculo. Agora, na língua...História, Ciências, Geografia, ele tem além dos trabalhos, na avaliação, ela tem a oportunidade de fazer a prova dele em língua de sinais.

S: Ah, não é escrita, é em língua de sinais.

P1: É para mostrar para o professor que ele internalizou o conceito. Ele também recebe a prova escrita, para que nós, os professores de Língua portuguesa, vejamos se ele está conseguindo levar um conceito que ele tem para outro, porque quem avalia a prova dele de História, é a professora de Língua Portuguesa.

S: Ah, entendi. Nas outras disciplinas ele é avaliado em LIBRAS.

P1: Isso.

S: Tirando Português e Matemática, ele é avaliado em LIBRAS e a prova escrita, ele faz a prova escrita, mas, essa prova escrita de...Ciências não é avaliada pelo professor de Ciências.

P1: Não, é avaliada pela professora de Português.

S: E entra na avaliação do professor de Português?

P1: Também entra na avaliação dela...Aí, a avaliação dela é a parte gramatical, são as regras...A parte que a professora de Ciências, História, que mandam dissertar sobre isso, aquilo, é avaliado o conhecimento dele em discursar, em escrever.

S: Entendi. Então, é assim: a prova escrita seria uma parte da avaliação dele? Ele tem a prova escrita, mas, tem a oportunidade de mostrar seu conhecimento?

P1: E a prova em LIBRAS, ele é filmada e registrada pela escola.

S: Então, ele pode mostrar que o conhecimento dele vai além. Ele pode ter tido uma dificuldade de escrever...

P1: Exatamente...

S: Mas, ele sabe o conceito na língua dele, na língua materna.

P1: E se sabe ou não também, né? Que aí tem aquele que não sabe. Eu cobro muito deles "Você não sabe mesmo, você não sabe o que aconteceu? Qual foi o ano que aconteceu a Guerra Fria?" Eles estudam, eles têm que estudar. E o material que eles estudam é levado para casa. A aula dele de História é filmada em língua de sinais. Ele pega no *pendrive* e vai para a casa, porque todos os Surdos têm computador.

S: E quem é que faz esse trabalho de pegar a aula toda...

P1: A professora itinerante.

S: Todas as aulas?

P1: Todas.

S: E aí, quem dá o texto?

P1: O professor da turma. Na sexta ele me dá antecipado. Quando ele não pode me dar antecipado, ele me dá no dia e o professor itinerante traduz tudo. É o resumo. Não é o texto inteiro, é um resumo. Ele leva para casa e ele estuda, então, ele tem que saber a matéria, ele tem que saber do que está se falando. Entendeu?

S: É um esforço muito pessoal, né?

P1: É, com certeza, é para que dê certo, é para que a escola aqui seja considerada um CIEP bilíngue José Pedro Varela. É meu objetivo.

S: E vai ser alcançado, com esse empenho todo.

P1: Deus te ouça. Que é muita coisa para fazer. Eu espero, por exemplo, fazer um arquivo, porque os professores daqui não mudam. Então, por exemplo, já tem um arquivo de Brasil 500 anos, um acervo de Guerra Fria, a Primeira Guerra Mundial. Então, quando o professor está dando aula para a turma e a outra turma já pegou, já tem material. Aí eu dou para eles. E eu estou conseguindo, claro que com... Agora eu vou ter ajuda do IHA, que a Laura Jane se dispôs a vim me ajudar a fazer esse material, porque meu outro objetivo é botar imagem nesse material de LIBRAS. Eu estou traduzindo Guerra Fria, eu quero que apareça o presidente dos Estados Unidos, eu quero que apareça...

S: Não só você, mas a imagem de onde está a Rússia...

P1: Isso. Não tenho habilidade de tempo para isso, aí estou deixando assim, mas, vai acontecer, é um passo de cada vez. Eu sou sozinha e não consegui parceria dos intérpretes para isso. Eu tenho intérprete que não interpreta muito bem, eu tenho intérprete que não quer ceder a imagem dele para o aluno, por várias questões, e aí...se eu tivesse o apoio dos intérpretes..."Olha...você agora vai filmar um texto de História, você vai filmar..." E aí eu tinha um grupo, né? De parceria, né. Sexta-feira, a gente acabou a avaliação, acabou o planejamento, a gente vai filmar um texto. Eu fico na minha casa sábado e domingo.

S: Então, assim, eu elaboro algum tipo de material extra para esse aluno? Tem atividade extra ou tem auxílio? Eu pego e vou na língua materna daquele aluno para facilitar a aprendizagem dele. Eu vou colocar a aula na língua de sinais, mas tem assim uma atividade extra, tipo um "para casa", que os ouvintes não tenham? Eu falo alguma coisa para ele, um reforço para ele?

P1: Só assistir o vídeo.

S: Só assistir o vídeo, mas, eles não fazem nada a mais que os outros já fazem?

P1: Eles estudam, né? Eles tentam pegar o texto e traduzir em Língua Portuguesa o que eu estou falando. Tem aluno que estuda na FAETEC. Lá é uma matéria em cima da outra e eu ainda tenho esses alunos que vêm para cá “Traduz esse texto para mim”. Eu fico desesperada, porque eu quero ajudar lá, mas, eu tenho milhões de coisas para fazer aqui. Até aquelas épocas que você estava me ligando, eu tinha quinhentas mil coisas, é época de..., que aqui é de três em três meses, né? É época de professor...vai acabar com o período, vai dar prova, vai fazer a prova deles todos juntos, sou eu que coordeno tudo....

S: Então, eu fico preocupada em adequar o que foi visto à língua materna deles, mas, um para a casa a mais, uma atividade a mais, não? Eu não preciso ficar preocupada em elaborar?

P1: Não, mesmo porque eles têm sala de recursos.

S: Essas necessidades já serão supridas na sala de recursos.

P1: A sala de recursos é para que ele tenha autonomia de leitura e escrita, autonomia mesmo, trabalhada exatamente dessa forma que eu te falei: com os textos e, às vezes, o texto trabalhado na sala de recursos. É usado um texto de História, um conceito de História, porque eu estou todas as noites, então, um conceito de História que eu levo para o quadro e aí eu trabalho a Língua Portuguesa, a autonomia daquela expressão, daqueles conceitos, para que ele aprenda, para que ele internalize. Entendeu?

S: Entendi.

P1: Às vezes, é um texto de Ciências, de Geografia.

S: Conforme eu vejo a necessidade deles.

P1: Exatamente. A dificuldade. Por exemplo, é uma turma só que está trabalhando aquilo ali, todos os alunos da sala de recursos vão ter o mesmo conteúdo, a mesma autonomia, não importa se ele está na alfabetização, não importa se ele está no nono ano, no PEJA II, no bloco II, não importa, todos vão pegar os mesmos conceitos. Aí, adequado àquele aluno que está se alfabetizando, adequado àquele aluno que está caminhando, que está lá no quarto ano, entendeu? Diferenciando as atividades, mas, o conceito vai ser o mesmo.

S: E em relação ao meu contato com outros professores, esclarecido o que eu tenho que fazer com os alunos, o que eu faço em relação aos outros professores? Eu devo me encontrar com os outros professores?

P1: Toda sexta do PEJA, tem centro de estudos. Toda sexta e, às vezes, a dúvida de um é a dúvida de todos. Então, todos os professores sentam, conversam, falam sobre o trabalho. Às vezes, um “Olha, eu fiz esse negócio, foi

muito legal, não quer fazer na sua turma?”. Por exemplo, às vezes, surge um...A professora estava trabalhando música naquele dia, eu peguei a música do “Eduardo e Mônica” em vídeo. A história contada, os dois, ele, rapaz, dormindo, ela no bar, aí mostra os dois se encontrando sem querer. Linda a música. Aí eu apresentei no centro de estudos “Olha só, lembra que você trabalhou música, acho que dá para trabalhar essa música. Vai ser bem legal”. Aí a professora falou “Ah, isso também combina com a minha turma...com a minha turma”. Aí todo mundo faz o mesmo trabalho. O lugar que você tem para trocar é a sexta-feira, que, graças a Deus, eles conseguiram a partir desse ano, né? Ano passado eles não tinham o centro de estudos, era de quinze em quinze dias, às vezes, uma vez por mês. Esse ano, toda sexta-feira eles se encontram para falar de aluno, é aonde que a gente, no grupo da surdez, aborda todo mundo, PEJA I e PEJA II, está todo mundo junto.

S: É aonde dá para atuar...está todo mundo ali...

P1: E você vê: o professor veio aqui na sala de recursos para...ter contato “Hoje eu vou dar prova”. Às vezes, o professor liga para mim “Joana, oh, eu vou dar prova”. Mas, é assim: o contato com todo mundo...Eu acho que a escola está bem é...está bem integrada. Todos os professores pensando...A professora estava trabalhando sobre a Rio +20. Aí, os vídeos foram montados, as aulas preparadas e distribuídas por todo o PEJA II. Então, tem uma hora que a professora assiste o vídeo, a outra assiste...A gente agora está trabalhando Ariano Suassuna. A escola inteira já viu “O auto da Compadecida”. A gente organiza isso, o Surdo teve “Auto da Compadecida” com legenda, né? São as adequações, o intérprete estava ali do lado para mostrar que estava acontecendo “isso, isso”. A professora deu aula sobre como é a figura do Ariano Suassuna, o que aconteceu na vida dele, quem é a família dele, ah, ah, ah, ah, em vídeo. O Surdo participa, a gente nota. As professoras têm é...um material em escrito sobre a vida dela e a gente faz uma comparação. A sala de recurso trabalha também com esse material, entendeu? Então, tudo..., na verdade, o material todo sai, quase todo, da sala de recursos. Infelizmente, ainda é assim. Mas, tem professor que já está adequando o material dele em imagem.

S: O professor já internalizou....

P1: Já, tem professor do PEJA II, que ele vê que ele não tem condição de trabalhar...A responsabilidade que eu boto é assim: “Oh, o aluno é seu e se o aluno não está aprendendo, eu falo, oh, ele não aprendeu”, “Ah, você?”, “Eu não, eu tenho outra coisa para dar na minha sala de recurso. Você tem que dar outro jeito”. E é cobrança, mostrando com carinho, com jeitinho. Eu acho que a escola está bem empenhada.

S: E além desses encontros de sexta-feira, há algum outro encontro na escola que eu deva participar?

P1: Sim, aí tem os seminários, por exemplo, a gente agora vai ter, você pode até vir, o seminário sobre a diversidade. E qual é a diversidade que a gente tem aqui na escola? Os homossexuais, os negros, os paraíbas, que também é uma diversidade, né? E que é a maioria. Os Surdos. Então, nosso primeiro seminário vai ser sobre surdez. É onde a gente vai entrar com a transformação dessa escola. Então, vai ser para os professores dessa escola, para os outros PEJAs, que vai acontecer aqui em setembro e aí é o momento que a gente tenta mostrar para todos os professores, até aqueles que não estão é...compreendendo como é que trabalha com o Surdo dentro da sala de aula, ele vai estar ali, ele vai ver, vai ver como o Surdo pensa, vai ter Surdo falando, Surdo que já saiu daqui da escola e está na FAETEC, vai estar aqui para falar de sua experiência. Então, é um momento, geralmente, a gente consegue esses momentos. E os professores fazem curso de sinais.

S: Aqui mesmo na escola?

P1: À noite, eles fazem, às sextas, que tem o horário do curso, que é uma hora, tem o horário do planejamento e tem o horário que eles trocam. E à tarde, é toda terça e toda quarta, que aí é o grupo da tarde: a secretaria, são os professores primários que querem estar junto, que não é obrigatório, né? Mas, o grupo está bem grande.

S: Entendi. Então, eu frequento esse coletivo das sextas, que é junto com os outros professores, mas, é necessário também, que eu aprenda LIBRAS?

P1: É e você também tem o seu tempo, né? Às vezes, você está no planejamento, mas, você tem que montar seu material. Então, você vai para a sua sala e você monta seu material. Às vezes, o professor precisa disso também, que não tem esse tempo em casa.

S: Às vezes, é necessário, né?

P1: Por exemplo, quem tem bebê pequeno fica mais difícil, né? Por exemplo, eu não tenho nem mais filho morando em casa, minha casa é só escola. Tudo de material está exposto na minha casa. Meu marido vai chegar hoje, vai ficar desesperado...

S: E, tirando esse coletivo escolar, há, existem outros coletivos interessados nessa questão de alfabetização, de letramento de Surdos?

P1: Sim. Aí, por exemplo, agora vai ter o Congresso do INES. Nós temos, aqui na escola, uns 40% dos professores inscritos, professores que só são...na sala de aula dele, na sala de aula dele tem um ou dois Surdos, ou três inscritos, entendeu?

S: Entendi.

P1: Então, a gente incentiva, você não pode cobrar, porque é fora do ambiente escolar, mas, como eles estão todos engajados, eles querem. A gente faz seminários, palestras em outros lugares, a gente convida as pessoas para ir, entendeu? Então, é dar informação e, às vezes, a gente passa um filme...alguma coisa que, realmente, sensibilize.

S: Então, todo coletivo relacionado à surdez vai me interessar, seja ele qual for: uma palestra?

P1: Pois é, aí depende de você como profissional querer. Tem uns profissionais, tem aqueles que são difíceis, que ainda não querem “Ah, ele vai aprender assim, se ele quiser, ele me segue”. Isso acontece. Infelizmente, nem tudo é um mar de rosas.

S: Então, eu fico com tudo isso para pensar.

P1: É. E uma coisa legal é que assim...a escola está sempre elogiando o trabalho do professor, a escola valoriza. Poxa, sexta-feira agora nós tivemos uma professora nossa que foi falar da “Pedagogia do amor a si mesmo” e á claro que entrou o Surdo na história dela, porque os Surdos fazem poesia. E aí ela foi falar que ela trabalha com poesia na escola e, aí, mostrando do Surdo, sempre evidenciando que eles são capazes, como todos, é só uma questão de didática. É só adequação, o resto é igual. É o direito à língua, né? Que a gente não tinha, hoje a gente tem. Capenga, mas a gente está trabalhando para que o Surdo tenha seu intérprete e eu não precise ficar desesperada em cinco, seis turmas. Mas, já tem professor que fala assim “Essa turma aqui você pode, você está precisando de intérprete? Pode tirar daqui e levar para outro lugar que esses sinais daqui, o que eu vou trabalhar hoje eu já sei falar”. Então é uma parceria, né?

S: É verdade. A escola, a direção, o professor, o professor...(interrupção).

P1: É, mas aí a gente toma o cuidado de falar “Professor, mas enquanto você estiver explicando, deixa o intérprete na sala, porque aí você está explicando, para que ele tenha...esteja participando de tudo o que está falando”. Ele tem esse direito. Não só na hora que você está explicando a matéria para ele, porque na hora que você está explicando para a turma, você não está usando sinais. Ou você fala uma língua ou você fala outra, mas, na hora que você vai chegar para ele, você pode. Então, a gente tem esse cuidado, quando está chegando o intérprete, os professores falam para mim “Fica tranquila, que eu hoje só vou fazer isso. Esse sinal eu já sei falar. Isso aqui está tranquilo”.

S: Entendi e isso evita que o próprio professor fique falando e sinalizando.

I: Que isso não dá. Isso é inviável. São duas línguas completamente diferentes. Ou você fala Português ou você fala LIBRAS, né? Às vezes, a gente faz um

sinal ou outro junto com a Língua Portuguesa, mas, por vício. Para explicar a matéria você não pode fazer isso.

S: Até para não confundir o aluno.

P1: Para não confundir a compreensão. Exatamente.

S: Até para que fique claro: agora está sendo falada essa língua, agora, uma outra língua. Até porque tem aluno que ouve, aí, gera aquela confusão também, né?

I: Exatamente. Para ele saber que ali fluem duas línguas naturalmente, mas, ele tem um intérprete e um instrutor.

S:OK, Joana. Obrigada. Eu vou ficar com tudo isso para pensar. Ai, meu Deus...

P1: É muita história, né? É muita coisa.

- Instrução ao Sósia realizada junto à professora 2

S: Antes de começar a Instrução ao Sósia, só para que eu tenha esses dados registrados, eu gostaria que você se apresentasse: dissesse seu nome, em que é formada e há quanto tempo atua junto a alunos Surdos.

P2: Olha, eu sou formada em Comunicação Social e trabalhei durante muito tempo em propaganda. Sou formada na antiga escola normal. Tenho trinta e três anos de magistério, sendo que os últimos nove anos, mais ou menos, eu trabalho com Surdos, também. Não só Surdos, mas também alunos com outras deficiências. Tá? Agora há quanto tempo...acho que eu já respondi.

S: Uns nove anos.

P2: Nove anos com alunos com deficiência, mas o mais forte mesmo são com os Surdos, o público mais forte assim, mais deficiente.

S: OK. Agora, dentro da sala de aula, como é que eu faço para identificar os alunos Surdos? Como é que eu sei, quando chego à sala de aula, que eu tenho um aluno Surdo?

P2: Geralmente nós já somos comunicados anteriormente pela direção e pela coordenação pedagógica que vamos receber alunos Surdos. E, às vezes, eles não estão em sala. A professora Joana, no caso, ela vem, ela conversa antes, traz o aluno para a gente e apresenta ele para a gente. E...a turma aceita bem. Aqui é normal, já se tornou normal.

S: E, agora, como é que está disposto o espaço físico da sala? Ele está organizado para receber o aluno Surdo? Eu devo organizar esse espaço de alguma maneira específica?

P2: Não, não tem nada de...Como a sala está ou como eu proponho uma arrumação, uma atividade diferente da turma, é para o Surdo e para o ouvinte. Não tem determinação de espaço...tem que ser arrumado só para eles, não. Geralmente, eu coloco eles um pouco mais perto de mim.

S: E eles sentam onde querem ou eu devo pedir para eles se sentarem em algum lugar?

P2: Geralmente, eu peço também que eles cheguem... Porque eu gosto também de olhar o caderno, de ver, de estar ali em cima, mesmo confiando no trabalho da pedagoga, da professora Francisca, a hora que ela precisa dar um pouco mais de atenção, porque ela não é né...Não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, aí eu vou lá, então, eu estou perto. Entendeu?

S: Entendi. E como é que devo me movimentar dentro da sala de aula para atender todos os alunos, Surdos e ouvintes?

P2: Eu sempre passeio na sala de aula. Eu não consigo dar aula sentada. Eu vou lá atrás, vou ali, vou aqui, eu sempre passeio, não sento quase. Olhar caderno por caderno. Eu dou a mesma atenção: o que o Surdo é...o ouvinte também tem direito.

S: Entendi. E no caso dessa escola, há intérprete? Instrutor Surdo?

P2: Existem os intérpretes e os instrutores?

S: Em todas as turmas têm? E qual é minha relação com eles?

P2: Em todas as turmas não, porque eles são poucos, os intérpretes. E eu vou falar...uma particularidade: não ganham para isso. Então, existe uma grande demanda de “entra e sai, entra e sai”.

S: Entendi.

P2: Então, para a gente ganhar outros, demora às vezes. Aí saem para coisas melhores. É um trabalho que, infelizmente, não é muito bem remunerado.

S: E onde os intérpretes costumam ficar?

P2: Dentro de sala de aula?

S: Dentro de sala de aula.

P2: Sempre do lado dos alunos, sempre perto de mim também.

S: E o instrutor Surdo também?

P2: Também. Eles ficam na frente quando eu falo, quando eu falo alguma coisa eles vão lá na frente. Eles vão ao quadro como está sendo feito agora também. É uma liberdade: a gente aqui é professor de todo mundo e os alunos aqui são todos, todos da escola, são nossos alunos. Não tem esse negócio também de “Ah, é dessa turma, então, esses alunos são meus”. Não, pra mim, todos os Surdos são meus alunos, todos na escola. Entendeu? Assim como os ouvintes também, todos, não importa.

S: Entendi. E como agir para melhor integrar alunos Surdos e ouvintes? Como é que eu faço para que haja essa integração?

P2: Eu sempre peço a opinião deles. O intérprete é...oraliza essas opiniões ou trabalhos que eles fizeram. Quando é Matemática, eu peço que eles vão ao quadro. Eu peço, às vezes, acho que aprendem mais rápido. Eu faço assim: “Oh, vai lá ajudar o seu colega”. Os Surdos vão ajudar os colegas ouvintes. Então, eu tento aproximar desse jeito. Não só nos eventos assim...da escola, mas também no dia a dia. Eles indo aos colegas, os colegas também indo a eles, independente do intérprete.

S: E em relação ao intérprete, eu tenho que planejar as minhas aulas com ele? Comunicá-lo anteriormente?

P2: Sim, geralmente, no dia antes, eu falo “Amanhã nós vamos dar...”. Eu falo para a turma toda, não é só para o intérprete, não. Eu falo “Nós vamos ter isso, isso e isso. É amanhã e vai acontecer isso”. Então, a aula não é uma surpresa, eles já sabem o que vai acontecer. Todos, todos já sabem.

S: Entendi. E se eu não tiver intérprete, o que eu faço?

P2: Eu faço mímica e eu dou aula. Tem que sair a aula (risos). Ai Jesus...

S: É verdade. E há necessidade de eu saber LIBRAS? E u preciso saber LIBRAS?

P2: Ah, tem. A LIBRAS, ela realmente facilita, né? Com certeza, se eu soubesse mais, puxa, eu poderia me expressar melhor. Eu só sei um pouquinho só, eu tenho que fazer o curso. Eu não concluí o curso também que eu tinha feito. Eu tinha começado a fazer no Helena Antipoff.

S: Ah, que isso? Eu vi a senhora se comunicando, eu vi...

P2: (risos) Helena Antipoff...Eu não acabei o curso.

S: E no caso aqui dos alunos Surdos, eles dominam LIBRAS?

P2: Alguns sim, a maioria sim. Alguns, não.

S: E como é que faço com esses?

P2: Vieram pra cá sem saber expressar nada.

S: E como é que eu faço para me comunicar com esses alunos que não sabem nem Língua Portuguesa nem LIBRAS?

P2: Aí, os intérpretes me ajudam, tentam mesmo mímica e...E a gente...Aí a gente acaba se entendendo (risos).

S: Linguagem universal, né? (risos)

P2: É, aí as coisas mais fáceis de expressar para eles, que não sabem LIBRAS, a gente tenta...mostra por gravuras, figuras, né? O visual é muito importante para eles.

S: E, no caso, como há alunos Surdos e ouvintes, que habilidades da Língua Portuguesa eu devo trabalhar?

P2: Com alunos Surdos e ouvintes...as habilidades...Ah, saber expressar seu pensamento, ter sua opinião e...ser crítico e...expor o que pensa e, no caso, sempre no visual, né? Eu mostro também figuras para eles: “O que vocês acham que está acontecendo? O que está acontecendo aqui?”

S: Então, a ênfase é na leitura e na escrita?

P2: Primeiro a leitura, né? Que, no caso, os Surdos vão dizer por LIBRAS e os ouvintes “Ah, está acontecendo isso, isso e isso”, né? Para envolver o Português. E quando o Surdo não sabe escrever direito, a gente tenta colocá-los...”Escreva uma palavra sobre essa figura, escreva uma frase só”, para aqueles que não sabem escrever um texto. Então, nos adequamos com a cultura que eles têm.

S: Isso é o ideal, né?

P2: É (risos).

S: E como é que eu faço para acompanhar o desenvolvimento da escrita e da leitura deles? Como é que eu sei se os alunos Surdos estão acompanhando?

P2: É o checar diariamente os cadernos deles, diariamente. Então essa avaliação diária, tanto dos Surdos como dos ouvintes, a gente, por exemplo, não precisa nem de prova, a gente sabe que é quem. Mas tem que olhar o caderno.

S: Pelo dia a dia, né? A gente já sabe.

P2: É, é. E eles gostam que a gente olhe o caderno. Às vezes é tanta gente para olhar o caderno, que eles mesmos vem com o caderno...assim...bota...tipo “Está faltando meu visto aí”.

S: Entendi. Já interiorizaram isso, já tem o hábito, né?

P2: É, é.

S: Tá certo, professora. Agora, uma dúvida: como é uma sala de Surdos e ouvintes, como é que eu faço assim, no caso de que os ouvintes já têm hipóteses primitivas sobre a escrita porque tem algum conhecimento oral sobre a língua e os Surdos, normalmente, não tem esse conhecimento, não tem essas hipóteses sobre a língua, até por não ter a audição. Então, como é que eu faço, diante dessa diferença de competência linguística, para colocar todos mais ou menos no mesmo nível?

P2: Olha, é surpreendente a força de vontade dos Surdos. Mesmo eles não conseguindo, por exemplo, eu faço um ditado...de texto. Vou ditar um texto. Eu não posso dar essa atividade para um Surdo, para os ouvintes eu posso dar, mas, eu sempre coloco uma figura do ditado meu que tenha a ver com a...com o contexto do meu ditado. Aí eu dou uma figura e falo “O que está acontecendo aí? Quem é essa pessoa? Ela vai para onde? Que é que aconteceu com ela? O que vai acontecer?”. Então, dependendo do assunto, por exemplo, política, eu boto a cara de um político “Você acha que ele é honesto? Acha que é gente fina, legal?” E isso desenvolve muito e eles não se sentem assim...desapercebidos, tipo assim “Ela está fazendo uma coisa diferente comigo porque eu sou...”. Não, pelo contrário. Aí, geralmente, eu pego aquela figura, boto no quadro e, às vezes, a turma também participa daquilo, para eles verem que a turma participou também daquela atividade deles, mesmo eles não podendo participar de um ditado de texto, né?

S: Entendi. Eles participam da atividade. É uma adequação ao que eles podem fazer.

P2: Eles sabem que a turma também está interagindo ali com aquela atividade.

S: E, professora, pela proposta do MEC para Educação de Jovens e Adultos, há uma proposta de desenvolvimento da oralidade e, aí, como é que eu procedo com os alunos Surdos durante o desenvolvimento dessas atividades de oralidade?

P2: É o que eu havia falado com você: eu coloco um tema, eu coloco um tema e...eleições...estamos às vésperas das eleições. E, aí, o que é que eu faço? Eu comento alguma coisa, coloco palavras no quadro e eles participam através da intérprete. Eles ficam ouvindo e eu pergunto as coisas à turma e eles também participam com a língua de sinais e as intérpretes passam para a turma. E a turma, às vezes, gosta das palavras. Todo mundo já sabe aplaudir eles. Essa é a oralidade que se pode ter, né? Com os intérpretes mesmo.

S: É, com os intérpretes. Olha, essa aqui eu vou perguntar porque eu ia perguntar como, falando sobre atividades de expor seu pensamento, falar

sobre a experiência pessoal de cada um, como é que faz? A senhora já falou antes, a questão do intérprete...

P2: É...

S: Então, vou até pular. E essa outra aqui: argumentam, né? Eu não vou falar que sou eu (risos). Argumenta-se que os alunos da EJA falam dialetos socialmente desprestigiados e que seria também papel do professor levar o aluno a adquirir uma linguagem mais culta e como é que eu faço para que os alunos Surdos tenham conhecimento também dessa variante desprestigiada? Para que eles saibam também que existe mais de uma variante da língua? Que eles estão aprendendo a linguagem culta, mas, que há também as gírias, como há também, por exemplo, na LIBRAS.

P2: Como eu não conheço muito bem LIBRAS, eu não sei como são as gírias em LIBRAS. Então eu, nessa parte de corrigir a linguagem, o jeito de falar, de se expressar, geralmente, os intérpretes fazem, que eu vejo, às vezes, eles ralhando. Aí..., eles realmente têm essa função de corrigi-los, entendeu?

S: Entendi. E como é que eu faço para apresentar essas variantes assim mais coloquiais da Língua Portuguesa?

P2: Geralmente eu peço assim para eles: “Oh, fala isso para eles: não pode dizer assim, não pode dizer assado”. Entendeu. Aí, os intérpretes falam, mas, às vezes, por ser um outro, entre aspas, idioma para eles, assim...olhando assim...eles ficam assim...olhando...eles ficam assim meio sem entender. Entendeu?

S: É, acho que a gente ficaria.

P2: É, eu acho difícil diante do nível deles, que é pouco, é...Diante do nível no sentido de que, se fosse nas últimas séries do PEJA, entendeu? Para saber essa questão de gíria, de linguajar, de variantes, aí tem que ter mais sustentação de conhecimentos que aqui, por enquanto, eu não dou assim...não dou muita ênfase para isso, não. O negócio é fluir mais as coisas. Eu sei que cada um tem um jeito de ser, de estudar...

S: Entendi.

P2: A coisa flui mais natural.

S: E, no caso, se for um dia de trabalho com uma classe gramatical que, por exemplo, os ouvintes já conhecem e os Surdos não, como por exemplo, o artigo, como é que eu faço ?

P2: Olha, eu tenho que dar o artigo de qualquer jeito. Agora, se pegar..aí...o jeito é isso: é fazer sempre com figuras. Eu boto o trabalho ali no quadro, mas, para eles, eu boto sempre figuras, para eles. Então “o”, “um”, qual é a diferença

de “o menino” e “um menino”? Alguns pegam, outros não pegam, mas, eu não fico preocupada muito com isso não. O negócio é saber se expressar, saber escrever, é isso que importa. Só que eles não tem essa colocação de artigo, que eles comem algumas coisas, né? É que eles não sabem colocar ainda. Então, é um processo, é com calma, eles chegam lá.

S: Estão adequados à escolaridade em que eles estão, então, não teria problema. E no caso da alfabetização, qual é a unidade mínima que eu devo trabalhar: é a sílaba? É a palavra?

P2: Olha, é a palavra, mostrar a figura e eles aprendem a palavra, o verbo contextualizando. Tiram algumas coisas. “Cama”. Eu boto assim: “Menino, cama e dorme”, “O menino dorme na cama”. Entendeu? Contextualizo a palavra e o porquê de está li a “cama”. “Cama”. Vamos contextualizar.

S: Entendi. E que tipo de atividades eu devo preparar para minhas aulas? Qual é o material que eu devo trazer para a sala de aula?

P2: Olha, eu trabalho com Data Show, eu trabalho com mapas, trabalho com muito recorte de revista, trabalho com livros, livros, às vezes, bem coloridos, bem...até de séries anteriores, mas, que servem para aquela atividade, eu utilizo...E passeios, muitos passeios também, que é abrir o horizonte deles.

S: É verdade. E caso seja um dia de prova, eu tenho que preparar uma avaliação especial para os alunos Surdos ou eles fazem a mesma prova?

P2: Não, é especial. Geralmente eu faço especial.

S: Mas, ela é o quê? Ela é reduzida?

P2: Às vezes, eu até dou uma...até boto uma...fica meio estranho...que às vezes, a prova, tem prova que eu boto bem ilustrada para os ouvintes também.

S: Serve para todo mundo.

P2: É, para servir para ele. Nesse dia, foi sobre a Dilma, falando da Dilma, com a fotografia da Dilma, mas um texto bem pequenininho, até para os ouvintes também, com interpretação de texto: “Quem é ela? Por que é que ela está ali? O que é que ela pensou? O que é que ela falou?”. Até para os ouvintes eu dou também a ilustração.

S: Até porque ajuda. E eu tenho que elaborar atividades extras para os alunos Surdos ou eles só fazem o que os alunos ouvintes vão fazer? Eu tenho que preparar material extra? Atividade de casa?

P2: Não, eu tenho aqui, tenho separado, são problemas, ela é um aluno novo, né? E veio sem saber LIBRAS, sem saber...só mímica e não nem o “a”.

S: Entendi.

P2: Então, ele está pegando aqui. Gente boa ele. E o que é que eu faço? Eu pego alguns livros de primeira série. Entendeu? Uma coisa até para criança, mas que não tão infantis, eu também procuro...porque eles reclamam “Ah, coisa de criancinha. Não vou fazer isso não”. Entendeu? São críticos. Então, eu coloco, estou fazendo aqui uma listinha de compras com ele. Entendeu? Mas é sempre extra porque ele tem uma dificuldade. Aí não posso dar o que a turma já vem com o processo e...eu tenho que adequar.

S: Entendi. E em relação ao encontro com outros professores, eu devo me encontrar com outros professores que atuam junto a alunos Surdos? Há um lugar, um horário específico na escola para fazer isso?

P2: Não. Nós falamos...o Surdo está tão integrado que a gente não tem esse horário especial para os surdos. A gente fala no sentido geral de turma. A gente faz isso às sextas-feiras, né? Agora, aquele Surdo que teve aquele sucesso maravilhoso, que está ...está tendo algum problema, aí a gente fala, assim como do ouvinte, está tendo um problema ou um sucesso fora do sério, a gente também desse ouvinte. Então, não tem esse horário especial para o Surdo. Nós não temos. A professora Joana, ela sempre nos dá orientação. Entendeu? “Olha, está acontecendo isso, isso e isso, por isso que o Fulano faltou”. Então, a gente fica sabendo mais da vida deles através da professora Joana, porque ela tem aquele contato maior à tarde, especificamente, com eles, mas, horário para a gente ter especificamente só para o Surdo, não temos, não, tá?

S: E eu devo buscar algum conhecimento especializado para atuação junto a esses alunos? Há algum curso que a escola me ofereça?

P2: Sim. Tem o curso de LIBRAS, que a professora Joana está fazendo à tarde com os funcionários da escola, não só com os professores, e temos também, nós estávamos tendo, o curso de LIBRAS às sextas-feiras, né? Intercalando esses planejamentos com a professora Francisca e parece que vai voltar esses cursos, né? E por que é que esses cursos forma suspensos? Porque a gente precisou de estar em outros locais que a Secretaria de Educação nos colocou: essas reuniões..., entendeu? Que a gente ficou muito...muito assim chateado de ter que deixar essas aulas. Entendeu? Porque a gente estava...estava seguindo um caminho muito legal.

S: Entendi. E eu devo fazer parte de algum coletivo de professores ou de outros interessados nesse assunto, em surdez?

P2: Eu, por exemplo, eu gostaria muito de ter ido nessa reunião de surdez que teve ontem, né? E hoje, né? No Instituto de Educação, né? Mas, eu não tive tempo para...para...eu não estava preparada para ir e não...eu estava com um compromisso e não podia ir, mas, deveria ter ido sim...É...esses simpósios, seminários deveria ter mais sobre alunos Surdos, sim. Coisas que não

acontecem. Isso é nível central, né? Porque isso não parte da gente, tem que partir de cima, entendeu? E há uma deficiência nessa parte de orientar os professores, porque se não fosse a professora daqui, que está aqui há oito anos conosco, eu estaria assim meio capenga na matéria de passar os conteúdos para os alunos Surdos, né? Eu estaria assim no tato com eles, né? Mas, com a experiência do dia a dia, eu ia...É no vamos ver o que vai acontecer, né? E não aquela coisa de uma pessoa preparada, né? Que já vai na estratégia correta, naquilo que tem que ser, entendeu? É o que está acontecendo com a gente: “Não é por aí, entendeu? É por aqui”. Então a gente vai por aqui. É bem melhor essa orientação. Coisa que não recebemos, agora, que estamos recebendo mais suporte por causa dos...há dois anos atrás, né? Os intérpretes vieram, os instrutores, no caso. Aí, de dois anos para cá é que melhorou bastante. Antes, a professora Joana tinha que está e tipo...teve também a Ana Paula, a Rosane...só de dupla. Uma dupla para vinte turmas, como é que fica? Pra quinze turmas, como é que fica?

S: Agora em sala tem um intérprete?

P2: Às vezes, às vezes sim. Tem dia que o intérprete some e a gente não sabe o que é que houve. Saiu. Foi embora. Entendeu? Nem é que não goste do trabalho, mas é que o que se ganha não vale a pena.

S: OK. Professora, obrigada pela atenção, pelas respostas e agora eu vou ficar com tudo isso para pensar.

P2: De nada. Ai, coitada...(risos).

- Instrução ao Sósia realizada junto à professora 3

S: Antes de começar a Instrução ao Sósia, só para que eu tenha esses dados registrados, eu gostaria que você se apresentasse: dissesse seu nome, em que é formada e há quanto tempo atua junto a alunos Surdos.

P3: Bem, eu leciono no município há doze anos, cinco deles na classe de Educação de Jovens e Adultos e há dois anos trabalhando na classe de alfabetização recebendo alunos Surdos. Minha formação é curso de formação de professores e de Pedagogia na modalidade de formação em professora de magistério, né? Formação nas disciplinas pedagógicas de segundo grau na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (risos).

S: Delícia (risos). Agora, pensando na sala de aula, eu gostaria de saber como é que eu faço para identificar os meus alunos Surdos na sala de aula?

P3: Bom, você chegando em sala de aula, você já vai encontrar praticamente parte do grupo em sala, né? Então você vai perguntar a esse grupo de alunos

que já está em sala se ali alguns dos alunos fazem uso do LIBRAS, da linguagem LIBRAS.

S: OK. E como é que eu faço para organizar o espaço físico da sala? Há um lugar específico pros Surdos sentarem? Eles sentam aleatoriamente? Como é que eu vou organizar essa sala?

P3: Então, essa sala deverá está sendo organizada em “U”, de maneira que todos os alunos estejam de frente para o quadro, né? Pra que você possa estar circulando no momento em que você tiver fazendo esse encontro, realizando essa atividade do dia. Que você possa está circulando entre todos. E...não há a necessidade de você marcar um lugar para o aluno Surdo. Ele pode chegar e fazer a escolha dele do lugar onde ele quer sentar. Na chegada do intérprete para poder acompanhar esse encontro, o intérprete vai estar sentado ao lado desse aluno Surdo.

S: OK. E como é que eu devo me movimentar dentro da sala de aula?

P3: Na medida do possível, que você possa estar acessível a todos do grupo, né? Para que você possa estar acompanhando o desenvolvimento de cada um individualmente e...para que você possa estar dando também um feedback a esse intérprete que vai está ali te auxiliando naquele encontro.

S: OK. E em relação ao intérprete, há um lugar específico para ele ficar? Há um instrutor Surdo? Como é que eu faço: qual é minha relação com o intérprete? Com o instrutor Surdo? Eles ficam num lugar específico?

P3: Como, normalmente, esse intérprete é o intérprete que acompanha esse aluno, né? Até para que ele possa ter essa relação afetiva, para que a gente possa ter um desenvolvimento de planejamento, né? O antes, o depois, a busca dos objetivos que a gente quer ali com aquele aluno, então, provavelmente, você já vai encontrar o intérprete que já está acompanhando esse aluno desde o início do ano letivo, né? E ele vai estar ali sentado ao lado do aluno, né? Normalmente, onde aquele aluno escolheu o lugar daquele dia para sentar. Não tem problema algum.

S: E no caso do instrutor Surdo, ele está sempre em sala de aula? Também está próximo dos alunos Surdos?

P3: Sim, se nessa situação, né? Porque nós temos instrutores Surdos, né? E ouvintes também. O importante é que fique claro para você que é alguém que está ali acompanhando ele desde o início, acompanhando esse planejamento, né? Conhecendo esse aluno, facilitando esse processo de desenvolvimento desse aluno.

S: Entendi. E em relação ao convívio entre os alunos Surdos e os ouvintes, como é que eu faço para que haja um convívio entre eles, para que eles realmente interajam?

P3: Esse convívio já acontece naturalmente porque a gente já tem aquela ideia de que o espaço é para todos, né? Então, essa comunicação ocorre tranquilamente, onde você apresenta as duas realidades que são diferentes, mas, com objetivos iguais, onde todo mundo tem direito ao espaço, quer conviver, quer aprender, quer trocar ideias, trocar experiências e é aquilo: igualdade na medida das diferenças.

S: OK. E como é que eu faço para planejar minhas aulas? Eu planejo sozinha? Eu planejo com o intérprete? Há algum auxílio por parte do professor itinerante? Como é que eu preparo esse meu material?

P3: Então, o interessante é a gente ter essa comunicação estabelecida, né? Então, na escola você vai está encontrando a sala de recursos, a professora que é responsável pela sala, que realiza esse trabalho, né? Em determinado horário. Mais tarde, então, esse aluno vai frequentando o horário regular dessa escola especificamente. O aluno frequenta a sala de recursos à tarde e o horário regular à noite. Então é legal que esse trabalho seja feito de parceria, né? Porque aí você conhece melhor o aluno e esse professor que está na sala de recursos é um professor que é capacitado, né? Que reconhece, que sabe fazer um trabalho com esse trabalho com esse aluno e que vai está te dando um feedback, né? Pra que esse trabalho, pra que esse seu trabalho, que não continua, mas, complementa, né? Possa ser o mais louvável possível, né?

S: É verdade. E eu devo saber LIBRAS? Os alunos sabem LIBRAS? Como é que fica essa questão da LIBRAS?

P3: É, eu acho...assim...você deve, na medida do possível, buscar, essa comunicação porque, ao final de contas, o teu aluno Surdo, ele vai se comunicar através do LIBRAS, né? Então é interessante que você saiba sim, que você busque sempre saber mais, né? E como é uma língua, a gente tem esse conhecimento de que é a segunda língua oficial do país que a gente vive, isso deve ficar muito claro pra você, professor, né? E pro seu grupo de alunos também, para os ouvintes também, para que eles possam também estabelecer essa comunicação, né? E o Surdo não está só dentro da escola, ele está fora da escola também: ele está na fila do mercado, né? Ele está no teatro também, né? A gente tem os intérpretes no teatro. Então, você conhecendo a existência dessa segunda língua, você senta no teatro, por exemplo, e você vê o intérprete lá na frente: você sabe que tem alguém ali que não é ouvinte como você, mas, está se apropriando de tudo que está acontecendo através desse profissional que está ali fazendo essa interpretação. Então acho que ganha todo mundo.

S: E como é que eu faço para me comunicar quando o aluno, assim que chega à escola, não sabe nem LIBRAS nem a Língua Portuguesa? Como é que eu faço essa comunicação inicial aí com ele?

P3: É...quando você já é conhecedor do LIBRAS, né? Você vai fazer uso do próprio libras, porque vai haver ali uma comunicação visual, né? No caso do Surdo é...que enxergue, pelo menos, vai haver essa comunicação visual, né? E se você estabelecer essa relação do sinal do LIBRAS com o que está acontecendo, você já está trazendo esse aluno para esse mundo de comunicação e aí você faz uma anamnese mesmo: o aluno então desconhece a linguagem? Então é por aí que a gente vai começar, a gente vai começar daí: trazer para ele essa informação de que você vai fazer a comunicação através da língua de sinais e aí você começa a desenvolver o seu trabalho.

S: OK. E como há alunos Surdos e ouvintes, em relação ao desenvolvimento da Língua Portuguesa, tem alguma competência que eu deva focar? Eu devo trabalhar a leitura, a escrita? Eu devo focar alguma competência da Língua Portuguesa?

P3: (Silêncio) Você repete?

S: Claro. Como há alunos Surdos e ouvintes, em relação ao desenvolvimento da Língua Portuguesa, tem alguma competência que eu deva focar? Eu devo trabalhar a leitura, a escrita? Eu devo focar alguma competência da Língua Portuguesa especial?

P3: Eu acho que as habilidades, por exemplo, no caso da Língua Portuguesa, elas estão muito próximas: essa questão da leitura, da escrita, né? E são coisas que acontecem até concomitantemente, né? Porque...você precisa dos dois movimentos ali para poder acontecer, não é verdade? É...embora a gente tenha até questões de pessoas que leem, mas, não escrevem, mas, isso é uma coisa que a gente vai..., ou vice-versa, mas isso a gente vai descobrir durante um processo, né? Mas, normalmente, a gente, por exemplo, faz a leitura de alguma coisa para o aluno, né? De um texto, por exemplo, e aí isso implica o aluno está vendo você como leitor e depois como escriba. “Oh, isso que eu li para vocês, agora eu vou anotar aqui no quadro”, né? Então, assim, o meu entender, são coisas que acontecem concomitantemente, então, se priorizar uma coisa ou outra..., acho que priorizar tudo, os dois movimentos.

S: E no caso do Surdo, como é que eu faço para acompanhar a leitura e a escrita dele? Saber se ele está tendo alguma dificuldade em relação à leitura, à escrita? Como é que eu faço?

P3: Como todos os outros alunos: você tem atividades e objetivos para aquele trabalho que está desenvolvendo, né? E como avaliar aquilo ali? Avaliar como que o aluno respondeu aquelas propostas de atividades, aqueles objetivos que

você estabeleceu para aquele momento. E aí ele vai te dando umas respostas de maneira que você vá avançando ou que você, muitas vezes, precise voltar, né? Para poder você estar retomando algumas propostas até que ele demonstre ter dado conta daquilo ali que a gente propôs, né? No meio do caminho a gente vai descobrindo “os caminhos”, né? Que são vários, não existe um só, né? Os que a gente sabe e os que eles mostram pra gente. “Oh, é por aqui. É por aqui que eu vou. É por aqui que é melhor para mim”.

S: “Tá funcionando assim”.

P3: “Tá funcionando desse jeito”.

S: OK. E como é uma sala de Surdos e ouvintes, que postura eu adoto diante do fato de que os ouvintes, habitualmente, eles possuem, podem possuir, hipóteses primitivas sobre a escrita possibilitadas pela audição e os Surdos, normalmente, não tem esse conhecimento, não tem essas hipóteses sobre a língua, até por não ter a audição. Então, como é que eu faço?

P3: É...é um desafio, instigante ao mesmo tempo. Que depois, ao final do processo, você vê que realmente é possível...e...é aquela questão que a gente pode até...enfim...lembrar um pouco da questão das múltiplas inteligências, né? Porque, às vezes, competências que você não tenha ou que você não perceba que tenha, você acaba apurando outra que você tem e é por meio delas que você vai chegar a determinado objetivo. Então, embora eles não tenham essa questão da audição, e por não ter a questão da audição, eles automaticamente acabam apurando, acredito eu que seja até uma questão de memória mesmo, né? Porque eles acabam meio que decorando, né? É uma inteligência visual, né? Porque eles acabam é... decorando ali aquelas palavras e registrando. É o que você vai perceber. Então acho assim que...é muito claro isso: são inteligências que você vai desenvolvendo e que de repente, até você tem lá um aluno que é ouvinte, que ele tem lá suas hipóteses, né? Por exemplo, ele está em uma situação pré-silábica, né? E o Surdo não tem essa questão, porque ele não ouve, ele vai registrar aquela palavra com muito mais rapidez, né? Vai entender o que está escrevendo, o que o outro que ainda está se apropriando de como se escreve aquela palavra.

S: Às vezes erra até menos porque decora. É assim...

P3: Exatamente, né? Tem até o outro que é ouvinte, que teria, por exemplo, seria proposto para ele até decorar e ele não decoraria com a mesma facilidade que o Surdo decorou e memorizou aquela organização das letras. Incrível.

S: Isso é verdade. Oficialmente, através da proposta curricular do MEC para o primeiro segmento do ensino fundamental de Educação de Jovens e Adultos, há um destaque para o trabalho pedagógico da oralidade. E como é que eu

faço, como é que eu procedo com os alunos Surdos durante a realização de atividades desse tipo: atividades orais?

P3: Quando você tem a oportunidade de estar numa escola que é bilíngue, você está super bem assessorada, que é o teu caso, né? Você está em uma escola que é bilíngue. Então, assim: a gente aqui não tem, você não vai ter essa questão de priorizar a oralidade, porque você já está num espaço onde você convive com alunos Surdos, em grande quantidade, em todas as turmas da escola, né? Então esse é um desafio que para você vai ser..., não vai ser um complicador, não vai ser porque você já via entrar em sala sabendo que você está numa escola bilíngue e que ali você não vai priorizar a oralidade, você vai chegar né...É...com um planejamento, com uma estratégia onde você possa, vai poder estar atuando tanto o lado da oralidade, né? Como também o da não oralidade. Aqui é questão de privilégio, né?

S: É, é verdade. Agora, sabendo que a EJA visa também ajudar o aluno na organização do pensamento, através da exposição de suas ideias no trabalho...na família. De que maneira eu vou proceder para promover a troca entre o que for compartilhado por alunos Surdos e ouvintes. Como é que eu garanto nesse momento a inclusão?

P3: Nossa, hoje eu vejo que esse movimento já não é mais...e você vai ver que não é mais um complicador mesmo, porque você percebe que essa comunicação é diferente apenas no movimento, né? Ah..., mas, que é possível acontecer tranquilamente. O aluno domina ali, cada um domina sua estratégia de comunicação: o LIBRAS, A Língua Portuguesa falada, né? Essa comunicação acontece perfeitamente, perfeitamente. Não há nenhuma...não há nenhum contratempo. Eu acho que o grande desafio é realmente você ter num espaço a possibilidade de conviver com as duas línguas e aprender a realizar um trabalho com as duas situações.

S: Fazendo isso, que é a parte mais difícil (risos)...

P3: Isso...exatamente, a mais desafiadora, que você vai está ali naquele momento, mas, hoje eu vejo que é uma questão de tempo, questão de tempo.

S: Que bom. Agora, argumenta-se que os alunos da EJA falam dialetos socialmente desprestigiados que devem ser minimizados através da exposição a textos com parâmetros discursivos mais prestigiados. Porém, é necessário aos Surdos conhecer também essa variante linguística para o desenvolvimento de sua competência linguística de maneira integral. Então, como é que eu vou expor o Surdo a essa variante mais popular que, muitas vezes, já é dominada pela maior parte da classe?

P3: A gente aprende que existem alguns sinais com significado diferente, dependendo da região, né? Então, esse já é o primeiro...o primeiro "alô", a

primeira..., seria o elemento disparador, né? E como tem essa coisa que eu acho assim inteligentíssima, né? Como a própria Língua Portuguesa funciona, não é verdade? A gente tem aí as falas que são...vão começando a cair no dia a dia da gente, que a gente vai se apropriando, né? E qualquer língua é viva. Então, se a gente está falando de uma língua que é o LIBRAS, ela é viva também. Então, acho que fazer o aluno perceber isso, entender isso, qualquer variação é altamente aceitável e normal, né?

S: É. E caso seja um dia de trabalho com uma classe gramatical supostamente já conhecida pelos ouvintes, mas, desconhecida pelos Surdos, como por exemplo o artigo, como é que eu vou organizar minha aula?

P3: É...essa questão foi uma questão minha. Estou usando a primeira pessoa, né? Perdão. Mas, assim, quando nos encontramos com a professora Francisca, né? É...a nossa instrutora Surda daqui da escola...quando estava alfabetizando...e...o que ela passou foi que, realmente, eles não faziam uso dos artigos e o que não implica, não dificulta essa comunicação, porque ele vai entender, né? Independentemente do artigo, eles tem uma maneira de entender, né? Que aí é como eu te disse antes: é própria da necessidade que você tem de que aquela comunicação seja feita daquela maneira, né? E que você vai se adaptar àquela comunicação e que ela vai existir, né? Dentro daquelas possibilidades ali que você tem, ela não precisa deixar de acontecer porque você não tem o artigo “a”, o artigo “o”, né? É possível no uso da língua, da linguagem, do LIBRAS, a gente percebe que eles conseguem, que eles entendem perfeitamente “O carro saiu da calçada e atropelou aquele menino”, né? Ainda que não tenha o pronome demonstrativo ali ou o “o” inicial, ele vai entender pelo sinal, pelo movimento “atropelou, menino, carro”. Então, assim: não há, hoje eu também percebo, que não há nenhuma dificuldade, não é algo que impeça a ocorrência da comunicação e da compreensão que para a gente, enquanto ouvinte, né? E por fazer uso do artigo num primeiro momento, acho que ele vai fazer falta, mas, se você pára para pensar um pouco: “menino foi atropelado carro”. E, depois, na escrita, eles não têm dificuldade pra usar, pra saber quando é definido, quando é indefinido, para empregar o artigo, né? Bom, como você está se colocando como uma professora alfabetizadora, que eles estão se apropriando dessa leitura e da escrita, então, essa parte da gramática, se for aquela gramática, aquela coisa de morfologia mesmo, assim, é...não entra muito. Não sei se eu estou falando besteira porque eu não sou professora de Língua Portuguesa especificamente, né? Formada em Letras. Eu estou entendendo se existem aquelas perguntas: “Ah, é um artigo definido?”. Aquelas questões de “Dê a classe gramatical das palavras”, que eu acho que é uma coisa que nem acontece mais hoje, mas, isso não entra no meio do caminho. Ah, eu não digo “Oh, isso é um artigo indefinido, isso é um advérbio”. Na classe de alfabetização a gente não entra muito nessa...

S: Nesses detalhes.

P3: Isso. Agora esse processo de construção da frase, do texto, é como eu estou falando: a gente percebe que eles se apropriam sim do conteúdo, do enredo da situação, independentemente de ter essas classes gramaticais, essas palavras dentro do texto. Entendeu? Não impede o entendimento do contexto, a compreensão do texto. Eu também achava que isso poderia ser um complicador, até porque a gente sabe que todas essas classes são conectores e tal, facilitam a compreensão textual e tal, mas, a gente está falando de uma questão, de alguém que é Surdo, que a gente acaba não mostrando desse jeito, classificando e tal. E aí, por conta disso, ele não vai conseguir fazer a leitura, a compreensão do texto? Não, a gente vê, pela experiência, que ainda sem as classes ali, ainda que ele não compreenda isso dentro da estrutura de texto, não impede que ele entenda o contexto. Será que eu consegui me fazer clara? Eu hoje não vim muito habilitada, entendeu?

S: Entendi.

P3: Então você é cobrado para ter uma estrutura, uma organização textual em que você permita ao leitor uma compreensão desse texto. Isso espera-se do ouvinte, não é verdade? Enquanto produtor, enquanto uma produção escrita, né? Para que isso facilite o leitor. Então, o texto mal escrito, teoricamente, e, realmente, vai dificultar a compreensão desse texto, né? Um texto mal escrito vai dificultar a compreensão. No caso do aluno Surdo, a gente tem que entender que existe uma estrutura, sim, e que dentro dessa estrutura própria deles, ainda que sem esses conectivos e tal, a comunicação acontece, é possível acontecer. Consegue fazer essa leitura, consegue entender algo desse contexto, sim, né? Mais a frente, a professora Antonieta pode até ter colocado para você, porque aí os textos já são maiores e aí, como é que é feita essa leitura? Mas, eu estou falando, por experiência, que o rapaz leu o texto inteiro pra mim, conseguiu me contar tudo pelo LIBRAS. E assim: “tim tim por tim tim”.

S: Estava entendendo tudo.

P3: Perfeitamente.

S: Em relação à alfabetização, qual é essa unidade mínima que eu vou trabalhar? É a sílaba? É a palavra? O que eu vou adotar para trabalhar com esse aluno?

P3: Bom, eu acho interessante, é sempre muito interessante, algo que seja significativo. A gente sempre fala aquela velha historinha da contextualização, de coisas significativas, né? E aí acho interessante que seja mesmo através de um texto, onde você é leitor para esse aluno, mostre para ele ali, o que você está lendo, né? Identifique para ele esse movimento da leitura naquele primeiro momento: “Oh, vou ler para você”. E ali pontuando para ele, pelo LIBRAS, fazendo essa leitura, né? E...aí o próprio desenvolvimento do trabalho, ora por

texto, ora pegando uma frase, um parágrafo de algum momento que ele viveu, significativo, que você use daquilo ali para ser seu elemento disparador, para estabelecer relação entre leitura e escrita, né? Então, “Oh, vou ler para você”. Conversou com ele ali, ele te contou alguma coisa, “Oh, então agora eu vou escrever aquilo que você me falou”. E aí você anotar ali para ele. “Oh, eu escrevi para você, vamos ler? E aí você lê, pelo sinal ele vai identificar se aquilo que você realmente está lendo ali, foi o que ele te contou, né? Então, sempre contextualizando, sempre dando significado e valorizando a leitura e a escrita e aquilo: “Oh, está vendo? É aquilo. Eu estou guardando essa informação”. Para que você escreve? Você escreve para guardar informação. Esse é o objetivo da escrita, né? Você escreve não por meramente escrever, você escreve para guardar informações que te foram úteis em determinado momento e que você guarda para outras pessoas se apropriarem e aproveitarem desse conhecimento que você guardou, não é? Essa é a função da escrita, né? Você guarda uma informação que você viveu, que você observou, que foi importante. A finalidade é essa, por isso se escreve: para guardar, né? Então, assim, é..., acho que o primeiro momento é isso: mostrar a função social. Isso se mostra para o ouvinte, para o Surdo, para todo mundo que vem buscar a leitura e a escrita: a função social dela, né? E aí com essa ideia na cabeça, acho que é o elemento disparador do professor, né? E dali você consegue os ganchos, né? Esses ganchos que eu estou falando: “Ah, outro dia aconteceu uma coisa. Outro dia eu fui ao hospital, fui visitar um amigo que tinha sido atropelado”. Então vamos botar aqui um hospital, um desenho do hospital. “Um amigo está internado no hospital. Ah, mas, internou por quê? Continua o texto. Ah, internou porque foi atropelado, pa...pa....pa...E aí já...né?

S: Entendi. E que tipo de material, que tipo de recurso eu devo utilizar na minha sala de aula?

P3: O visual, né? (Pausa). Acho que o visual, principalmente, né? Eles são muito visuais, tanto são que a questão do sinal, por exemplo, isso muito me chamou a atenção, e chama de qualquer pessoa, é quando você pede ao Surdo o sinal de alguém, que é ele mesmo quem dá. Então, eles são muito observadores e é incrível: observam coisas que você não observa, mas, ele observa, né? O que é muito legal. Onde eu digo para você que assim: cada um tem o seu “tchan”, né? Sua inteligência, né? E aí é uma inteligência você ser muito observador e perspicaz aí. Acho que o visual é o que ajuda eles de mais e, talvez, uma das coisas fundamentais, né? E...outro material, outro recurso é um pouco...assim..., mas, é o humano, é o afetivo, essa coisa de você acreditar que pode, que é possível, né? É conquistar mesmo para poder mostrar que é possível.

S: E como é que eu faço para acompanhar esses meus alunos, para saber se eles realmente entenderam a aula, para saber se estão com alguma dificuldade? Eu preparo algum material extra para eles levarem para casa?

P3: Sim, como todos os outros alunos. Você tem seus objetivos, você tem sua proposta, né? Então você fez determinado caminho e o aluno te devolveu. Não deu muito certo esse caminho, está mostrando para você que não é assim que está indo, que não é assim que está funcionando legal, então você buscar outros caminhos e vai tentando chegar lá.

S: E eu preparo atividades para os meus alunos Surdos ou eles só fazem as mesmas atividades que os ouvintes fazem?

P3: Não, com certeza atividades extras. Com certeza, com certeza. E isso é uma coisa não especificamente para o Surdo, mas, assim: alguns alunos precisam de atividades extras para poder dar conta de algumas dificuldades que apresentaram ali no meio do caminho, né? É para todo mundo e para o Surdo também, né? Pro Surdo também.

S: E caso seja um dia de prova, como é que eu devo preparar essa avaliação? Eu faço uma avaliação para todos ou eu devo fazer uma avaliação diferente para o meu aluno Surdo? Reduzida?

P3: Olha, eu acho que o ideal é que você tenha avaliações diferentes, porque quando você tem avaliações diferentes, você já entra com um olhar diferente, você não tem todo mundo igual. Então eu acho que funciona algumas avaliações diferentes. Aquilo que cada um dá conta, aquilo que foi proposto de acordo com aquilo que se esperava para cada um, naquele determinado momento, né? Então, assim, eu não posso cobrar de determinado aluno determinado movimento, se ele não está preparado para me mostrar aquilo ali. Tem que ser uma avaliação honesta, não é verdade? Então...você vai fazer algumas avaliações diferentes, diferente nem para mais, nem para menos, apenas diferente na medida daquilo que você propôs para cada um naquela situação. Eu falo isso porque na sua sala de aula você vai encontrar grupos diferentes, que agradecem porque veem que todos estão sendo atendidos nas suas diferenças, todos querem chegar no mesmo lugar, né? Mas, respeitando cada um ali o seu momento, né? E há aquela troca também, onde um ajuda o outro, né? Para você chegar lá.

S: E em relação ao meu aprimoramento como professora, eu devo me encontrar com outros professores para dividir experiências? A escola disponibiliza um lugar, um horário específico para isso?

P3: Graças a Deus, sim.

S: E quais são esses horários, esses dias?

P3: Bom, às sextas-feiras a gente já está tendo, há um tempo, o curso de LIBRAS, né? Com uma professora da casa, que é a professora Joana³, né? E com os intérpretes, né? Eles se alternam nos encontros e é ali mesmo que você pergunta: “E aí, por onde eu vou? E aqui, qual é o método? E se for desse jeito, será que vai dar certo, né?”. Assim, aprimoramento é fundamental, muita vontade de aprender para você melhorar a prática a cada dia e tirar milhões de dúvidas que você tem na cabeça e o preconceito também, porque todo mundo, a gente vem de uma história, de um movimento de preconceito, de achar porque o outro é diferente de você, ele não pode conquistar as mesmas coisas. Então eu acho que é um exercício que não dá para parar de fazer, né? E...sinto falta, enquanto professora da rede pública de ensino, sinto falta, sim, né? É...tudo bem que as coisas estão caminhando, a gente aqui está funcionando, mas,...acho que tem que ser mesmo levado a sério. Sabe? Tem que ser feito uma inclusão mesmo, de verdade, e que o professor tenha esse direito, sim, de ter esse espaço dele garantido para poder participar dessas oficinas, sabe? Para poder ter esse colo, para poder dizer: “Caramba, não é que eu não queira que esse aluno esteja aqui, não. Não é isso. Mas, eu quero atender esse aluno de verdade. Eu não quero chegar em casa e dizer assim: ah, que legal, eu tenho um aluno incluído. Não. Eu quero chegar em casa e dizer assim: Caramba, eu tenho um aluno que participa dos meus dos meus encontros”, entendeu? Que ele vem, que ele faz, que ele troca comigo, que eu olho para ele e ele também olha para mim, que é diferente de você ter ele lá, num cantinho da sala, entendeu? Ou então é...num espaço onde ele pode até está bem pertinho, mas, muito longe. Mas eu, assim, eu estou tendo essa oportunidade de estar aqui e ver que é possível. Tem muito para caminhar? Tem. Eu então nem se fala.

S: E eu devo buscar esse conhecimento especializado junto a outras instituições?

P3: Acho, acho sim. Acho é que tem que sair um pouco, tem que sair de si mesmo. Tem que sair um pouco de si para poder...tem que estudar.

S: Há algum coletivo de professores ou de outros interessados no assunto que discutam sobre alfabetização e Surdez? Existe esse coletivo interessado?

P3: Tem, tem. Eu já estive até conversando com a Joana, essa coisa de você, de a gente está propondo até uma, uma...um projeto mesmo de trabalho com esses alunos, para esses alunos. A gente tem muito material, né? Mas, a gente tem a realidade da escola, a gente tem a realidade do nosso aluno, a gente tem a realidade da nossa escola, do nosso espaço, da nossa sala de recursos. Como as coisas funcionam! Então, eu acho interessante que a própria unidade

³ Ressaltamos que, para preservar a identidade das professoras participantes deste estudo ou mesmo daquelas nele mencionada, todos os nomes próprios utilizados nesta transcrição são fictícios.

escolar tenha um material, sabe? Que tenha a ver, que tenha a sua cara, tenha a cara desse grupo, né? Então, eu já sentei, eu já conversei com a professora Joana para que a gente possa estar produzindo esse material, onde os alunos vão estar se sentindo confortáveis, né? De estar aqui. Eu sempre tenho essa preocupação. Nos relatórios que eu faço dos alunos, sempre é a mesma coisa: “Fulano demonstra estar à vontade na escola”. É sempre a primeira pergunta que aparece na minha cabeça: “Fulano demonstra estar à vontade na escola”, né? Porque se ele está à vontade aqui, ele vem, vem com vontade, então a gente está conseguindo atender ele, né? A gente está conseguindo um feedback legal com ele. Essa coisa de não ter vontade de vir é que dificulta. É chato. Eu não gosto.

S: Acabou (risos).

P3: (risos) Que pena!

S: Obrigada professora pelas informações, pela conversa, eu vou ficar pensando nisso tudo.